

feira  
30. NOV. 1998

AVULSO

ESC.  
1.20

ANO III—N.º 122

16  
SETEMBRO  
1943



*Alvão*  
*foto*

Produzir — eis o lema do momento. As searas multiplicaram-se em frutos e, agora, pelas eiras e lages das serras vai uma azáfama doída. E preciso aproveitar cada bago que as espigas geraram e que o sol doiron. Antes que as chuvas estraguem os bagos loiros, cuida-se deles com jeito maternal...

(Foto Alvão)

Vida  
Mundial

# ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

# AQUI entre Nós

UMA nota oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros dá-nos conta da escolha do sr. Duque de Palmela para embaixador de Portugal em Londres, em substituição do sr. dr. Armindo Moiteiro, cuja comissão, brilhantemente desempenhada, foi agora dada por finda. Como a mesma informação oficial muito bem acentua, a escolha do sr. Duque de Palmela, pela sua educação, adquirida, em parte, nos bancos escolares ingleses, e, ainda, dadas as tradições de família, ligadas a tradições da história lusobritânica — vai ser motivo de justo regosijo de ingleses e portugueses, num momento em que, para neutros e beligerantes, a função da diplomacia atingiu craveira de tamanha delicadeza, reclamando a maior acuidade e inteligência.



NÃO, minha amiga. Os seus sapatos de cortiça — esses estranhos sapatos nascidos ilegítimamente duma sandália e dum tamanco — não possuem, convença-se, qualquer beleza. Sem terem a transparente leveza da sandália, ou o forte sentido prático do tamanco — o sapato de cortiça não serve a estética, nem a resistência. Diz-se que às mulheres bonitas nada fica mal ou, com mais generosidade ainda, tudo fica bem. Não será tanto assim, embora nas mulheres a fealdade agrave e a beleza atenuem certos grotescos da «toilette» que a moda se permite o luxo de lhes impor. Em todo o caso, o sapato de cortiça, como elegância, não é positivamente uma coisa adorável — mesmo como *terminus* duma perna bonita...



SETEMBRO é o grande mês das praias. Sobre a areia fulva palpitam pe-

## CASOS DISPERSOS

**A** BRIU a caça. 15 de Setembro é uma data cuja aproximação suscita um mundo de esperanças para uma verdadeira multidão de alguns milhares de devotos dessa movimentada prática desportiva. Deve dizer-se, puramente como raciocínio, sem nenhum propósito de apologia, que a caça é um desporto bem compreensível — pois prossegue um fim concreto. Na volta da festa, em vez de recordação de tantos «goals» alcançados ou defendidos, o desportista da caça pode trazer consigo uma enfiada de perdizes — que são, nos tempos que vão correndo, um invejável troféu...

|||

**F**ORAM já dadas instruções para que comecem a executar-se as medidas de precaução consideradas necessárias para os novos exercícios, que vão realizar-se, de defesa contra bombardeamentos aéreos. A população é chamada a prestar o seu concurso, a colaborar, a intervir nesses exercícios, que fazem parte do quadro inegável das necessidades dos tempos presentes. A compreensão desta realidade surge aos olhos de todos fácil e acessível. É uma altura própria para cada um dar provas do seu poder de civismo.

|||

**M**ORREU Inocêncio Camacho. Este homem, que foi poderoso, ministro e, anos e anos a fio, governador do Banco, recolhera-se, pela idade, à vida privada, gozando o prazer de se ver rodeado de filhos e netos, com quem repartia gostosamente os encantos que descobrira na arte de encadernar livros. A felicidade é artigo caro e difícil — supomos todos. Afinal, quantas vezes ela está timidamente alaparada nas tarefas simples e acessíveis que orgulhosamente desdenhamos!

|||

**U**LTIMAM-SE as operações preparatórias para o racionamento de géneros de que cessou de haver abundância. O racionamento começa, necessariamente, para os que, desdenhando as dificuldades e angústias da hora, consideravam que as dificuldades se supriam a dinheiro. Nesse sentido, é de um largo alcance quanto já se fez em matéria de serviço nos restaurantes e pastelarias. Se outro resultado não tivesse, bastaria saber descobrir-lhe a significação moral.

|||

**E**STAMOS a mais de oito dias do fim do Verão, mas já as chuvas outoniças irromperam copiosas. Não faltam ramos da lavoura que dão graças ao anúncio das primeiras águas; nem faltam, como de costume, quantos clamem pelo malifício que delas resulta para as suas terras. Por mais voltas que dê o mundo, não conseguimos deitar mão ao remoto sonho de «sol na eira e chuva no nabal»...

quenas cidades de barracas. Cintilam guarda-sóis como grandes *abat-jours* coloridos. Dir-se-ia que o mar explende numa reverberação de pedras preciosas. Nuvens de crianças, chapinhando espuma, chilream, sob a luz de oiro do sol, numa alegria radiosa de mocidade. Aqui e além, rapazes e raparigas de todas as idades raptam de «maillot» — que é, na expressão dum psicólogo parisiense, o autêntico traje do amor. Ainda há pouco lemos que as nossas praias deixaram de ser frequentadas, como acontecia dantes, por desembargadores e morgados da província que se limitavam a jogar a bisca e a espreitar as ondas; e passaram a animar-se duma multidão dos seis meses aos oitenta anos, que respira fundo, desafia o Oceano, tonifica a pele e mergulha nas ondas e no *flirt* com quem cultiva preceitos de higiene. É, de certo modo, assim. Se Ramalho ressuscitasse e revisse, de novo, as suas *Praias de Portugal*, algumas coisas modificaria, sob este aspecto.



**E**STÁ revivendo o novo-rico. O volfrâmio, disfarçado sob os aspectos mais estranhos, é o autor desta inesperada reviviscência. Inesperada não é bem. O novo-rico surge, quasi inevitavelmente, quando, em face do determinismo económico, se alteram as condições normais dum país. Adorado da inquietante situação de muitos — produz-se, paradoxalmente, a exagerada riqueza de alguns. Há quem diga que a guerra actual é diferente da de 1918: afirma-se-nos que um dos seus produtos, o novo-rico, não difere moralmente muito do seu antecessor originado pela outra guerra.



Vida  
**MUNDIAL**  
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS  
DIRECTOR:  
JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR E PROPRIETÁRIO:  
JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA  
TELEFONE: 25844

# O MUNDO PELA IMAGEM



Atenção a esta foto! São grandes blocos transportando material sobre a costa do Atlântico. A coisa sobre a costa — uma pintura que lembra tubeteiros de xadrez — dá-nos ao sol esta estranha visão dos ardis humanos...



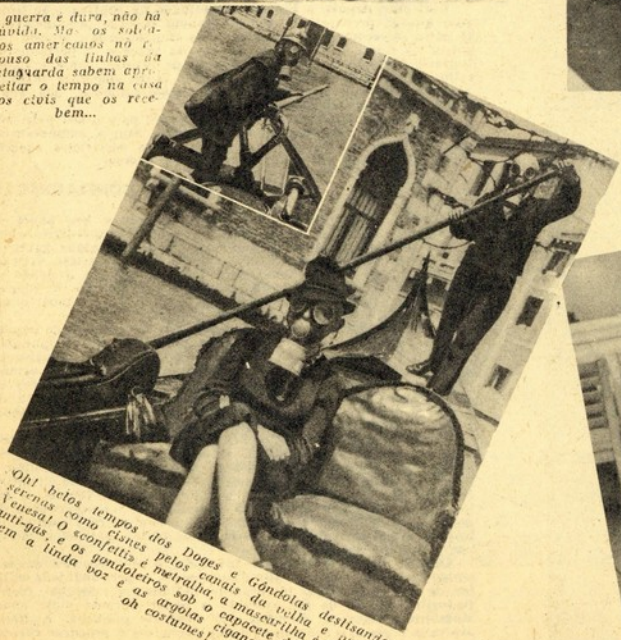
— Os franceses sofrem as consequências da guerra — porque mais do que nunca eles estão na guerra. O seu caso, porém, é estranho, porque precisam de se defender... dos amigos. E-llos na tarefa de recolher areia para prosseguir os telhados e sobrados das lâminas incendiárias, feitas à base de fosfato e óxido, que os anglo-americanos estão a empregar.



A guerra é dura, não há dúvida. Mas os soldados americanos não têm o tempo das linhas da retaguarda sabem aproveitar o tempo na casa dos céus que os recebem...



A Inglaterra mantém vivas as suas tradições de estado democrático — aquela democracia, pela menos, feita de compreensões humanas que fez que os homens se tornem mais irmãos. A rainha Mary — a rainha mãe — assim no-lo prova nesta foto, assistindo, com toda a simplicidade, entre operários, a uma festa numa fábrica.



Oh! belos tempos dos Doges e Gândolas desfilando serenamente como flâneres pelos canais da Veneza e pelica anti-ga, e os gondoleros sob o capote de aço escurecem a linda voz e as argolas elegantes... Oh! tempos, oh! tempos!



A guerra, com toda a sua rudeza, nem sempre endurece o coração dos homens. Hitler diz-nos nesta foto que também gosta de crianças — com a sua simplicidade, inocência e fragilidade — durante uma visita a um abrigo infantil.

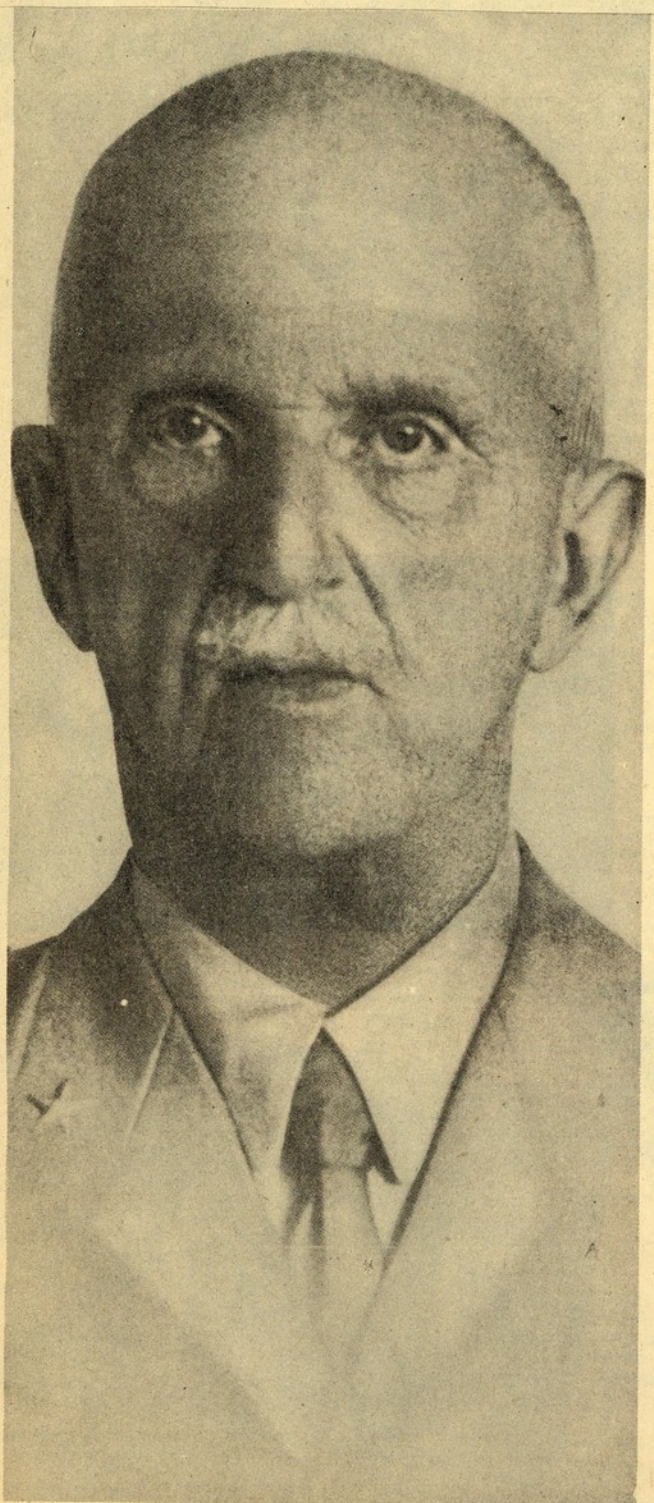
A CARREIRA DUM REI

# VITOR MANUEL III

## o mais pacífico dos soberanos

### Viu quatro guerras durante o seu reinado

Por CARLOS FERRÃO



**D**UCAS personalidades na História tiveram, decerto, uma carreira mais oposta às suas tendências, aos seus hábitos e ao pendor natural do seu espírito. Vitor Manuel III, que é, por indole, o mais pacífico dos soberanos da Europa, tem visto o seu reinado entrecortado por guerras, de carácter local, umas, outras envolvendo grandes países e extensos continentes. Em quarenta e três anos de reinado, a sua atenção tem sido frequentemente distraída para os campos de batalha, quando a sua vontade se afirmou invariavelmente no sentido da paz. A recordação do velho Francisco José surge, quando se evoca este contraste entre a indole pacífica do soberano italiano e a fatalidade que o tem levado a fazer a guerra com uma frequência que ficará assinalada. Também o Habsburgo, de carácter contemporizador, embora sombrio, conheceu o drama das baixas no período histórico em que a sua pátria mais precisava colher os benefícios duma paz benéfica e duradoura.

O rei Vitor Manuel III, que tem actualmente setenta e três anos, tendo nascido em 1870, subiu ao trono aos trinta anos, quando seu pai, o rei Humberto, foi assassinado. A Europa procurava o equilíbrio instável que devia caracterizar os anos que decorreram até 1914, entre a Triplice Aliança, já formada e incerta, e a Triplex Entente, ainda em formação mas já bastante poderosa. No continente, a Alemanha de Guilherme II tinha uma posição predominante que lhe fora dada pelo talento estratégico de Moltke e pelo génio político de Bismarck. Os outros dois impérios do continente, por detrás duma fachada imponente, manifestavam sinais evidentes de desagregação interna. Eram o Império russo e o Império austro-húngaro. Um gulo Império, o turco, encontrava-se em franco decomposição. Era o doente da Europa.

A paz era o produto das conversações diplomáticas e dos parentescos entre as casas reinantes. As ambições dos povos continuavam a firmar-se, de maneira agressiva, e os preparativos bélicos intensificavam-se em termos de não deixarem dúvidas sobre o desenlace da corrida em que as grandes potências se haviam lançado, empenhando no fabrico de armas a melhor e a maior parte dos seus recursos.

#### A GRANDE GUERRA

Durante catorze anos, Vitor Manuel desempenhou exemplarmente as suas funções de monarca constitucional. A derrota de Adua andava ainda na memória de todos os italianos que tinham preferido, à ditadura autoritária de Crispi, a ditadura parlamentar de Giolitti. Internamente, a Itália fazia uma experiência parlamentar sem ter interstício o sufrágio universal. Externamente, estava ligada à Alemanha e à Áustria-Hungria, mantendo excelentes relações com a França e, sobretudo, com a Grã-Bretanha. País de economia débil e de restrito potencial militar, entendia que tinha muito mais a esperar da diplomacia, explorando as rivalidades alheias, do que da força das armas.

Quando o despojo turco começou a ser ostensivamente repartido, a Itália reservou-se um lugar de honra depois de ter conseguido, por uma série de negociações hábeis, a aquiescência dos dois grupos de potências cuja rivalidade latente se traduzia pelo equilíbrio europeu. A campanha da Tripolitânia, embora mal preparada, traduziu-se por uma vitória das armas italianas. Giolitti compreendia que tinha soado a hora de fazer, em grande escala, um ensaio de guerra colonial, e a sua iniciativa tivera o acórdio da coroa.

Dois anos depois, a Europa mergulhava na conflagração temerosa que os preparativos que se vinham fazendo prenunciavam. O Itália começou por proclamar a sua neutralidade e acabou por entrar na luta contra os seus aliados da véspera. A participação italiana traduziu-se por um conjunto de reveses, como o Caporetto, e de vitória, como Vittorio Veneto. O rei, enquanto duraram as hostilidades, viveu no meio dos seus soldados, aos quais emprestou uma solidariedade total.

O termo das hostilidades não representou para o seu país nem a tranquilidade definitivamente adquirida, nem a compensação, que ele esperara, dos esforços feitos e dos sacrifícios consentidos. A paz seria tão perturbada como a guerra.

#### A SEGUNDA CONFLAGRAÇÃO

Durante quatro anos, o rei exerceu ainda o seu papel de monarca constitucional. Os partidos políticos sucediam-se no poder com uma frequência que fazia da instabilidade governamental um motivo de desordem interna e de incerteza externa. Em 22 de Outubro de 1922, Vitor Manuel entregou o poder ao chefe do fascismo que ia fazer uma experiência política, de começo moderada, depois encaminhada num sentido revolucionário em relações às instituições tradicionais do país.

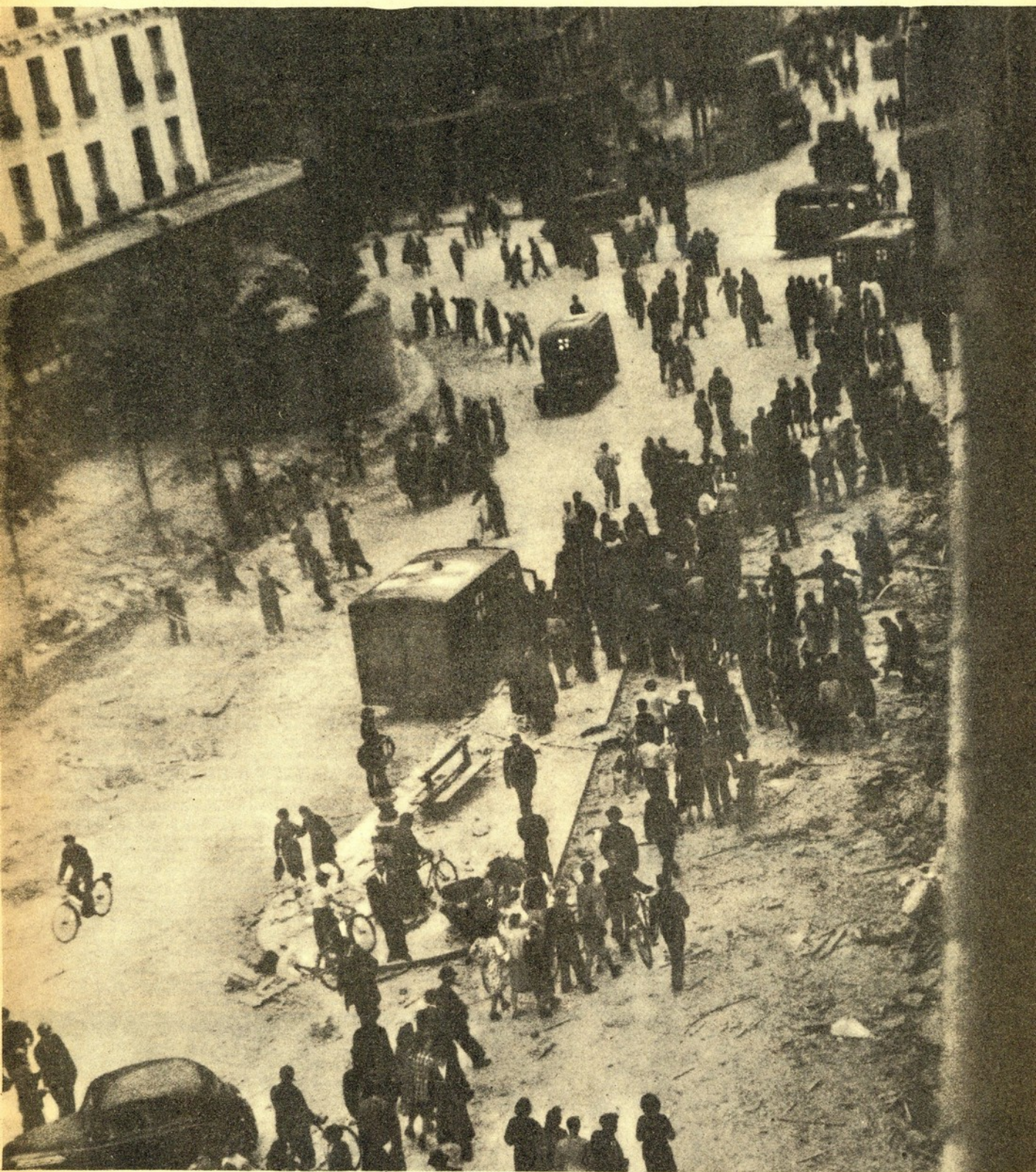
Essa experiência seria acompanhada por um período de inquietação internacional e pela preparação duma nova guerra mundial. A Itália fascista formulou as suas reivindicações e considerou que estas só podiam ser satisfeitas pegando novamente em armas. Antes disso, porém, conheceu as guerras e as intervenções de carácter local, como a campanha da Etiópia e a ocupação da Albânia, que a obrigaram a pesados sacrifícios. Vitor Manuel juntou aos seus títulos o de Imperador da Etiópia.

Tendo-se aproximado do Reich nacional-socialista, a Itália assinou, com este país, uma aliança militar conhecida pela designação de Pacto de Aço. Em 10 de Junho de 1940, voltou a intervir na guerra, desta vez contra os seus aliados da primeira conflagração. A sorte das armas não lhe sorriu. Depois de ter lutado durante três anos e três meses, viu-se na necessidade de pedir um armistício que consagrava a sua derrota militar. O Império colonial, conquistado à custa de tantos sacrifícios, estava nas mãos dos seus inimigos.

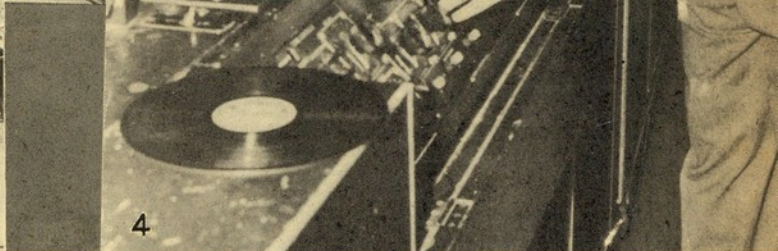
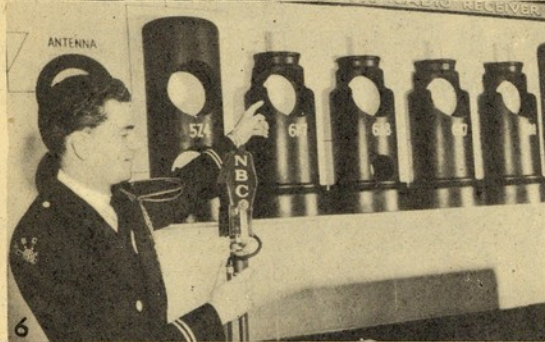
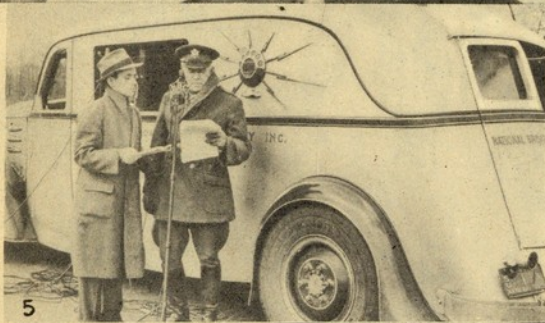
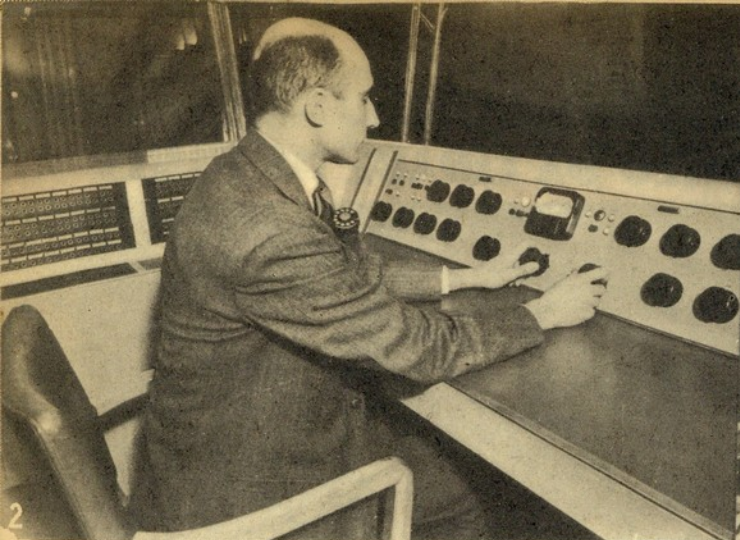
Com o território nacional invadido, o rei recorreu ao seu amigo mais fiel, que era, simultaneamente, a personalidade militar de maior prestígio no exército italiano: o marechal Pietro Badoglio. Depois de ter exercido o poder durante vinte anos, Mussolini deixou a direcção dos negócios públicos. A Itália aspirava à paz e o soberano foi dos primeiros a procurar corresponder a este sentimento.

(Continua na pág. 23)

## O BOMBARDEAMENTO AEREO DA CIDADE DE PARIS



*Procurando atingir os objectivos militares de Paris, a aviação anglo-americana tem despejado sobre a capital da França, especialmente sobre os centros industriais dos seus arredores, um grande número de toneladas de bombas. Esta foto impressionante da Cidade Luz, mostra-nos a Avenida de Versailles pouco depois de um bombardeamento aéreo.*



## UMA CIDADE DENTRO DOUTRA CIDADE

**E**IS uma cidade dentro de outra cidade. Não acreditam que isto possa ser? Pois visitem conosco a National Broadcasting Company, em Nova-York, e verão se não é o que dizemos. Ali encontraremos os mais recentes aperfeiçoamentos da ciência radiofônica, aplicados a todos os gêneros imagináveis de emissões.

O centro nervoso da organização funciona no moderno arranha-céus conhecido pela Cidade da Rádio e, do mesmo modo que as suas congêneres particulares — Columbia Broadcasting System e Mutual Broadcasting System — a N. B. C. utiliza, para as suas emissões, uma rede de emissores que se estende a todo o país. E isto, porque as organizações de radiodifusão americanas estão apetrechadas de modo a poderem cobrir todo o território dos Estados Unidos. Há unidades móveis prontas a retransmitir uma emissão em qualquer ponto, e as emissoras de notícias dão os últimos acontecimentos com a maior rapidez. As salas de concertos, de resto, possuem instalações próprias para a radiodifusão, e o teatro, os desportos, as letras e as actividades económicas e financeiras merecem a melhor atenção dos organismos radiofónicos.

As instalações da N. B. C. em Nova York, compreendem 32 estúdios diferentes, um dos quais — o famoso estúdio 8-H — é utilizado para as emissões de música de orquestra. Trata-se de uma sala acusticamente perfeita e de linhas arquitectónicas graciosas. Os palcos, existentes em vários estúdios, dispõem de aparelhagem registadora de sons. E aí está porque, comodamente, da nossa casa, e incluídos em qualquer programa, podemos assistir à mais trágica tempestade, ao troar dos canhões na guerra, com o galopar do cavalo e tudo...

Se algum dos senhores fosse visitar a N. B. C. seria acompanhado por técnicos especializados, que lhes proporcionariam ensajo de assistir a todas as emissões radiofónicas. De resto, o leitor não seria o único a encontrar-se lá: os estúdios enchem-se de espectadores, que pagam, está claro. Mas pagam para um fim útil: o produto das entradas reverte a favor das forças armadas das Nações Unidas...

1) É aqui que as grandes orquestras, sob a direcção dos mais célebres regentes, tocam para os ouvintes de todo o mundo. O estúdio é um milagre de acústica e, na sua construção, foram empregadas matérias especiais para se obter a repercussão correcta das ondas sonoras. Foi também eliminada toda a possibilidade de vibrações provocadas por influência exterior, como, por exemplo, a passagem de camiões pesados nas ruas. A sala tem 1.500 lugares. A cabina de som está instalada à direita do palco. 2) É por ajustamento que se consegue a reprodução exacta, necessária à perfeita transmissão de concertos ou quaisquer outros números. 3) Em virtude do interesse despertado pelas notícias de guerra, as organizações de radiodifusão americanas aumentaram o número dos seus noticiários ao ponto de quase não haver hora do dia ou da noite em que o público não esteja ao corrente dos factos. 4) Para a apresentação radiofónica dum drama — género muito apreciado pelo público americano — é imprescindível o concurso dum especialista de efeitos de sons, pronto, à primeira voz, com uma colecção de discos contendo todas as variações do som. 5) As unidades móveis de radiodifusão desloam-se a qualquer ponto, a fim de transmitirem aos ouvintes americanos a descrição de factos verificados longe dos estúdios. Na fotografia vê-se um locutor entrevistando um oficial do exército. 6) Se o leitor visitasse os estúdios da N. B. C., seria assim acompanhado por guias. A fotografia mostra um desses guias indicando uma exposição explicativa do funcionamento dos receptores de rádio.



# 7 DIAS de CINEMA

POR

Fernando Fragoso



William Powell e Hedy Lamarr, no seu novo filme «O homem com dois passadinhos».

**E**SPECTÁCULOS às quintas e domingos. O barracão está cheio. Exibe-se um filme histórico recente, onde se contam as vicissitudes da Inglaterra perante a invasão napoleónica, e o génio político de Pitt, que a levou à vitória. Na bilheteira, há um homem obeso, em mangas de camisa, a suar, em bica. O cubículo diminuto, onde mal cabe, com uma lâmpada eléctrica sobre a cabeça, tem o ar maquiavélico dum sistema inventado para lhe amolecer o cérebro. — Dois bilhetes, por favor!... Pagam-se os quatro escudos da praxe e os espectadores sobem uma escada de madeira que os leva ao balcão lateral... Passaram já três complementos... A fita tem nove partes. Nove e três — doze, somou o empresário. Doze, a dividir por dois — seis. Há que separar seis partes para cada lado. E o intervalo — pasmem, oh gentes! — faz-se no fim da terceira parte do filme de fundo. A aritmética foi escrupulosamente respeitada. O intervalo fêz-se ao... meio... Que importa que o público se aborreça por lhe cortarem o filme ao fim dos primeiros vinte e cinco minutos?! Se calhar, o intervalo não havia de ser «ao meio»?...

A máquina tem o som roufeno dum gramofone de campanula. Os projecionistas «comem» os princípios e os fins de cada parte, de vez em quando. Mas, enfim, a fita é boa, e, apesar de riscada — interessa. A garotada, lá em baixo, sublinha com aplausos, assobios e gritos de triunfo a luta de Pitt com os seus inimigos, e recebe, com delirantes transportes de alegria, a intervenção decisiva e «clownesca» dos «boxeurs», que põem fim à contenda.

A publicidade — é letra morta. Publicidade do cinema, no que se refere a programas futuros. E se bem que a sala se encha nas duas funções semanais — o empresário não se arrisca mais um dia, ao menos, para «ver se pega». Há dez anos que explora o cinema com tão larga visão — porque motivo deveria agora alterar o ritmo dos espectáculos?! Tudo na sala parece bocejar de tédio e de estagnação. As cadeiras têm o ar venerável das salas dos tempos da propaganda... A luz é mortíca e amarelada. A tela rasga-se, branca, no seu enquadramento negro, sem uma cortina que a proteja, sem um efeito de luz modesto, que dê à abertura do pano uma nota de côr...

No chão, há pastas de sujidade. Passadeiras, encradas, um pouco de asseio e bom gosto?! Ora — pensa o empresário — «eles» lá em casa também não têm disso...

E, pior do que tudo, pior que a rotina, a inércia, a ausência total de visão, de comodidade e de bom gosto — a carência de orientação industrial, a inconsciência com que se faz a programação, o desconheci-

mento do valor dos filmes e das legítimas exigências do público.

Onde se passa tudo isto?! Em Maçãs de Dona Maria? Em Algueiros de Baixo?! Em A-dos-Cabos? Não, prezadíssimo leitor. O quadro que evocámos é a imagem fiel de um dos raros cinemas da Costa do Sol, em pleno mês de Setembro — na época em que uma trapeira parcamente mobilada custa dois ou três contos de réis por mês, na época em que as praias se enchem duma multidão que gasta o dinheiro a divertir-se, com idêntica e generosa facilidade.

\*

O cinema de que vos falamos é um caso — mas podia ser um símbolo. Se percorrermos o país de lés-a-lés, o panorama é idêntico — e as côres mais carregadas. Há salas onde o estado das aparelhagens é de tal forma aflitivo que não conseguem reproduzir, de forma compreensível, uma fita portuguesa. Na Beira, há dois anos, um empresário teve a audácia de vir ao proscénio declarar, após os protestos dos espectadores, que, «se a fita não se percebia, o defeito era do registo sonoro». E comentou, hipócritamente: «Que querem os senhores?! E assim que se trabalha em Portugal». Os espectadores, que não haviam nascido precisamente nesse instante, e que tinham conhecimento, pelos jornais, da magnífica carreira que o filme fizera em Lisboa — onde ninguém se queixava do som — obrigaram o «espartalhão», para tirar a prova, a passar um documentário de guerra britânico, falado em português, que redundou no mais cabal desmentido da estulta afirmação atirada ao ar... Porque ninguém conseguiu, também, perceber pata-vina... Vão lá falar a este empresário na necessidade de rever e afinar a aparelhagem! Dirá, imediatamente, que o seu som é tão bom como o do Eden ou o do São Luiz...

Nas vésperas do Carnaval do ano passado quis acaso que fizessemos, de automóvel, uma viagem

ao Pôrto. Numa das principais terras que atravessa mos, e no cinema de uma das boas praças do país, figurava, como grande atracção do programa do Carnaval de 1942 — um filme religioso! Seguiu conosco o gerente da firma distribuidora do referido programa. E contou-nos que ele próprio instara com o empresário para exhibir, nessa data, um esplêndido filme cómico. Mas bastou a circunstância de o querer persuadir a não marcar a película religiosa, para que o contratante — que não tinha a menor noção do valor e indole dos filmes, e que apenas os contratava pelos títulos — para que o contratante, dizíamos, insistisse pela sua, convencido de que o outro assim procedia para guardar um bom filme e impingir-lhe em troca outro que valia menos... É claro que são desta força os «águias» que costumam alimentar, na crónica citadina, a estafada rubrica do conto do vigário.

\*

O problema dos cinemas da província tem uma importância capital. A ele está ligado, indissolvelmente, o da própria indústria portuguesa de filmes.

Mas não lhe vemos solução, nestes tempos mais próximos. O mal está, na maioria dos casos, na orientação das empresas, na ausência de visão, no descrédito que elas próprias lançam sobre o espectáculo, com a errada tendência de procurar os programas mais baratos, concebidas de que assim apuram um saldo de exploração maior... Há terras ingratas, meios pequenos, onde as melhores iniciativas estiolam, desoladoramente. Mas o caso do cinema da linha de Cascais parece-nos elucidativo. E tão elucidativo, que nos dispensamos de focar outros aspectos, com os quais encheríamos páginas e páginas — embora muito ficasse por dizer.

...Perdoai-lhes, senhor! Eles não sabem o que fazem.

# CALÇADA DA GLÓRIA

## ÀS RAPARIGAS

**N**UM velho livro de sabedoria, permito-me recortar êstes conselhos dedicados às raparigas e aos rapazes que se permitem o luxo de pensar em casar.

Para viver assim, assim — um Joaquim.

\*

Pra fazer aranzel — um Manuel.

\*

Para dar um bofetão — um João.

\*

Para desbaratar o pecúlio — um Júlio.

\*

Para ter o lombo quente — um Vicente.

\*

Para marido arisco — um Francisco.

\*

Para mau génio — um Eugénio.

\*

Para haver sempre banzé — um José.

\*

Para marido simplório — um Gregório.

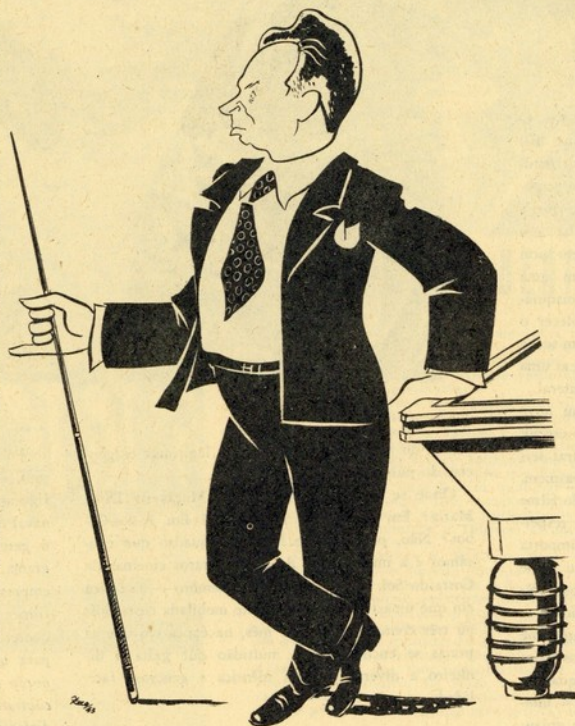
\*

Para avaro no matrimónio — um António.

\*

Para o mundo não acabar — qual-quer serve para casar.

## TACADA AMÁVEL



*Ab! se eu fôsse poeta,  
Esteta!  
E erguesse ao sol que passa  
A minha lira ricaça  
Que nunca pedisse esmolas,*

*Mesmo assim,  
Meu caro Alfredo Ferraz,  
Eu te juro, por Kaijás,  
Deixaria tudo, enfim,  
Pelas tuas carambolas!*

PUMBA

## AOS RAPAZES

Para dar alegria — uma Maria.

\*

Para arreliar uma semana — uma Joana.

\*

Para vos trazer de vigília — uma Lucília.

\*

Para tudo que se precisa — uma Luísa.

\*

Para dar bisca e sota — uma Carlota.

\*

Para dar tudo em pantana — uma Mariana.

\*

Para baile e cerimónia — uma Antónia.

\*

Para vos levar à glória — uma Vitória.

\*

Para dar uma tarefa — uma Josefa.

\*

Para andar sempre em demanda — uma Fernanda.

\*

Para gozar o ano inteiro — o melhor é ficar solteiro.

\*

*Não será difícil concluir que, se houvesse mais espaço, se poderiam ampliar estas referências a todos os nomes masculinos e femininos inseridos nos livros dos assentos.*

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES





# Fernando Pessoa

## POETA DE SI MESMO

Por CORREIA DA COSTA

de Bandarra acordou nas páginas perturbantíssimas do volume *Mensagem*, espelho onde a raça revive e namora como num abismo da alma a sua verídica e interioríssima imagem: e esse acordar de alma é uma revelação que nós todos, críticos e espíritos sensíveis às coisas da beleza, temos de aplaudir às mãos ambas.

Aplaudir e tentar explicar.

Fernando Pessoa alcançou-se nos seus poemas

ainda hoje repetir: «Nec sine te nec tecum vivere possum».

A biografia deste poeta da hora presente é simples e ordenada, como um ritmo. Nasceu em Lisboa a 13 de Junho de 1888 e morreu a 30 de Novembro de 1935, com 47 anos e cinco meses e dezassete dias.

Estudou em Durban, na África do Sul, no liceu local (High School).

Frequentou a seguir a Universidade do Cabo da Boa Esperança, onde em 1913 ganhou o prémio de estilo inglês «Rainha Victoria», manejando e escrevendo impecavelmente a língua britânica.

Regressado a Portugal escreve na *Águia* de que o movimento futurista, segundo o dr. Raúl Leal, é uma nítida cisão, e mais tarde no *Orfeu* (1915), *Portugal Futurista*, *Centauro*, *Athena* e *Contemporânea*, de José Pacheco.

É a figura de maior personalidade e de mais nítida projecção desse renascimento literário, tendo publicado em inglês 35 *sonnets* e *Antinoüs*, e em português alguns folhetos e ensaios, modelares de raciocínio e ordenação expositiva. Desdobrou-se em três heterónimos: Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis.

Na obra deste criador e iniciador do movimento literário, conhecido por futurista (o nome vem de Marinetti, hoje na Academia Italiana) apenas encontramos afinidades do seu espírito lírico e emotivo com Walt Whitman, Edgar Allan Poe e Gonçalo Anes Bandarra, o poeta lusado do mistério e da manhã de névoa.

Toda a sua arte lírica tem uma atitude de sagitário e o gesto helénico dum discóbolo. A essência, a introspecção do seu lirismo andam de mãos dadas com o messianismo sebastianista e a dor poética de querer adivinhar todo o mistério e todo o sortilégio das coisas.

O seu exemplo está sempre à nossa beira, vigiantemente. O seu exemplo e a sua vida medida, modesta e simples como ele próprio era.

No centenário café «Martinho da Arcada» (a sua fundação data de 1782), onde ele tanto viveu e pensou e os seus discípulos o procuravam na simetria desse recanto pombalino, o seu super-espírito parece ainda estar presente e olhar o rio próximo com os seus olhos tristes e sebastianistas, inquietos e velados de cisma interior, mas sempre cheios de Esperança! Esperança em tudo o que há-de vir e um dia virá.

**C**ARAMENTE se dá entre nós um acontecimento literário da importância e do relêvo do aparecimento, há poucos anos, do volume de poemas *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Figura de alta individualidade na sua geração (a geração dos menos de cinquenta anos), como ensaísta e como comentador psicológico de tantos factos sociais e literários da era contemporânea portuguesa, o autor do drama extático *Marinheiro*, dos 14 sonetos publicados inicialmente na revista *Centauro*, com o título geral de *Os sete passos da Cruz*, do vago e indefinido mistério que perpassa nos *English Poems*, I-II, resumiu, sintetizou, floriu na lareira iluminada do seu sonho lusiada os poemas raros e tão individuais e inconfundíveis do perturbador volume *Mensagem*, mensagem flúida de Portugal para os portugueses e confiante mensagem dos portugueses para Portugal.

Como um rapsodo sebastianista, Fernando Pessoa, tão traiçoeiramente falecido há quasi oito anos, vive no seu sonho messiânico de poeta todas as inquietações e todos os mistérios anímicos da grei.

A visão da pátria, a *suite* histórica e humana dos seus heróis e dos seus santos, dos seus homens-síntese e dos seus homens-mistério, transfigurava-se, vive, estremece na misteriosa névoa da sua *Mensagem*, dir-se-ia a divina ponte entre o aquém e o além, a voz angustiada e dormente, a sortilêga e adormecida voz que é todo o messianismo lusiada.

Não cabe nos estreitos lindes deste simples fragmento desenvolver, embora em resumo, toda a maravilhosa beleza técnica e emotiva dos poemas de Fernando Pessoa, talvez e sem confronto possível um dos maiores resgates do nosso lirismo no que ele tem de mais eterno: — o seu anseio lusiada, o seu perturbador messianismo, o seu misterioso encantamento sebastianista. Todo o sonho das trovas



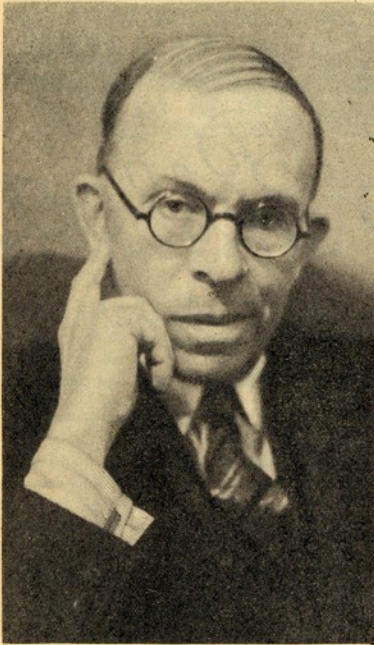
Fernando Pessoa

à altitude dum grande poeta lusiada e latino, dum verídico aedo do ocidente. Sobrepara no seu anseio de poeta sebastianista um sópro eterno de beleza e de distantiíssimo mistério. Por isso o seu lirismo é a ansiosa e messiânica voz, que de além para aquém chama a alma lusiada à divina, à encantadora romaria onde tumultuam e se fundem todos os mistérios anímicos da grei. A poesia portuguesa não pôde viver com a sua presença nem pôde viver com a sua ausência. Esse seu drama da Ausência e da Presença perante a poesia, perante a sua poesia, está todo no milenário verso de Ovídio, maravilhoso drama de anseio que Fernando Pessoa pôderia

# UMA FIGURA DO JORNALISMO CONTEMPORANEO

# JOAQUIM MANSO

(TENTATIVA DE PERFIL)  
Por CONSIGLIERI SA PEREIRA



por Pedro se chamar seu avô — um dos fundadores dessa petrea raça de ciclôpes alojados com seus passos de gigantes nas abas dos Herminios. Rude e atlética raça de gigantes, eles tanto pertencem ao campo como ao mar — no tempo em que no pinhal de Leiria se martelavam os destinos ultramarinos, nossa nacional e comum vocação.

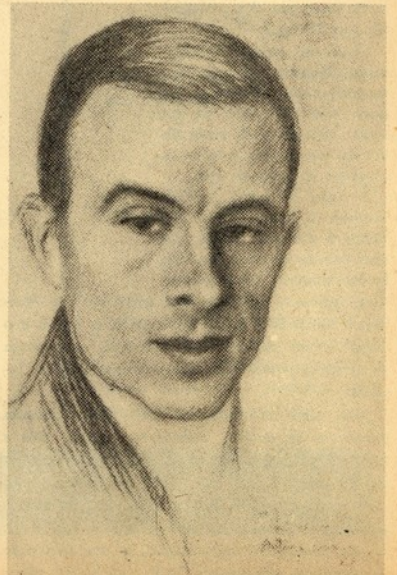
\*\*\*

Em qualquer dos painéis de Nuno Gonçalves, talvez que no triptico dos pescadores, é reconhecível Joaquim Manso nessas figuras austeras e simples, mas de vitalidade concentrada, que imortalizaram o império lusitano.

Jámais a tragédia atingiu nível superior. Na sobriedade de expressão dos homens simples está a medida da sua força. Aquêles, criadores e escritores da «História Trágico-Martima» reflectem a dos poderosos Oceanos que dominariam com o dorso calafetado das náus quinhentistas.

Os tipos de português puro como Joaquim Manso, vão rareando. Uns preparavam-se em Coimbra; outros, como o douto Frel Heltor Pinto da Covilhã, tanto se salientavam que lhes ordenavam bôlsas para estudarem em Roma, Bolonha, Montpellier; e, por último, nos tempos nossos contemporâneos, havia ainda os que, formados em Seminários, insatisfeitos procuravam encher a transbordar a medida das suas necessidades culturais nos altos Estudos de humanidades latinas e gregas, valendo-se, para isso, de cursos accessorios nas Escolas Gerais.

Conferencista, escritor, jornalista, Joaquim Manso teria gravado, no século de Sócrates, com as suas pinças em madeira, artigos no barro do «Forum» dedicado às expansões do pensamento ateniense. Grego do Arquipélago em expansão entre a Ásia Menor e a Europa na sua expressão mediterrânica, conservou toda a pureza estética e ética dos helenos, sem nada trair do seu íntimo sentir. Lusitano da época próspera e culminante da descoberta do Mar Tenebroso, deixará uma obra reprodutiva, o seu jornal; e uma obra em profundidade, os seus livros e os seus filhos, promessa aquêles, realidade estes, digna do ser que os gerou: prometedores, fortes, e saudáveis.



**A**QUI próximo, num sítio onde a terra é espedra e negra, região florestal onde cresce livremente o pinheiro e onde o roble é frondoso e atarracado — nesse sítio, borbulhante de águas que fluem do solo e se dispersam pelas ravinas, nasceu Joaquim Manso. As águas rompem, ciclôpicamente, através de barrocais imensos, fraga após fraga, em busca do comum loureiro lusiado: o Mar e o caudaloso Tejo.

Ora Joaquim Manso, foi sempre fiel à tradição do Pinhal, do Rio e do Oceano. E, mais ainda, comungou no rito da olorosa madeira, ao permitir que lhe esculpissem a potente cabeça num tronco de árvore. Melhor símbolo não lhe podiam ofertar da sua livre e ubérrima veiga e montado, onde as casas não têm fechaduras nem os estábulos divisórias e onde as árvores de fruto se oferecem, abertas, ao apetite do viandante.

Brotou da terra, como os reforçados robes, e não se arrajou como as rochas. E, no entanto, profundamente sensível na equivalência de tudo o que é cidadão, embrenhou-se nos silvedos agrestes da letra de molde da imprensa, reatando a «Poeta da Arcada», que Câmara Reis lhe legara durante um breve colapso da sua actividade, e prosseguiu disfrutando da camaradagem literária do brilhante e inquieto José Maria de Alpoim, de Manuel Guimarães e de Nuno Simões, na «Pátria».

Mas para mim, pálido reflexo do seu sacerdotio de Director, só conta a sua magnífica alma, com que espero ver ilustrada esta tentativa de um dos mais sugestivos perfis da nossa época.

Há muitos anos, ou seja pouco depois de instalada a República, um Director Geral de Polícia lembrou-se de colocar nesse baldio chamado «a provincia», um apreciável excedente de agentes. Para a zona que descrevemos acima com traço grosso, foram dois abnegados servidores da «Parreirinha». Instalaram-se na plácida e farta hospedaria, comeram, beberam e dormiram durante oito dias. Passado esse tempo, dirigiram-se à sede do coneelho participar «que não havia nada», pediram guias de combóio para Lisboa e, até hoje, aquela é a terra onde não há nada — nem sequer doenças, pois ali usa-se viver, pelo menos, cem anos.

Sem o desgaste cidadão, perdendo-se em intensidade o mesmo que em idade, viveríamos de novo em pleno regime monástico — temperado com a benignidade do protocolo frugívoro e vegetariano de Varatojo.

\*\*\*

Mas Joaquim Manso, essencialmente espiritual, impôs-se a conservação de uma obra — o «Diário de Lisboa» — e nele, inherentes todos os sacrificios derivados de um esforço prolongado, tem colhido a satisfação de se lhe reúnem os maiores valores do nosso jornalismo. Por isso o divulgado vespertino se converteu em escola e as suas características gráficas se propagaram a todas as provincias

do Império. Ser redactor ou colaborador de Joaquim Manso equivale a alcançar-se a maioria de idade.

Nos seus primeiros dias, mal saído da lóbrega tipografia da rua do Mundo onde nasceu, acolheu-se um pouco acima, onde hoje está a «República». De manhã, saía a «Pátria»; de tarde, saía o «Diário de Lisboa». Ninguém dava nada pelo nascimento do «petiz», mas nisto surgiu o «19 de Outubro». A ocasião, única para aprofundar o público com os seus laivos de tragédia, era tentadora.

Eu experimentei-a. Artur Portela e Norberto Lopes secundaram. Mas o dr. Manso dirigiu a arriscada experiência. Quando no dia imediato o êxito coroou esse esforço reproduzindo todos os diários a nossa reportagem, estava criada a força imensa que, vinte e um anos decorridos, conserva ainda a plenitude da vitalidade.

Desde esse momento, de suprema cristalização, todos os êxitos tem conhecido o «Diário de Lisboa». Nenhum, porém, voltou a ter o sabor delicioso por perigoso daqueles momentos de suma instabilidade. Nas ruas, negrejantes de gente armada, cabia perguntar duvidosamente:

— Amigos, Inimigos?

Como nas lutas da Itália renascentista, tanto nos podia aguardar, na dobra de uma esquina, o punhal de um guelfo como o mosquete de um gibelino. Pois nunca o dr. Manso faltou um só minuto na redacção, embora lhe coubesse atravessar a pé o trôço mais perigoso da Baixa, por viver, nesse tempo, numa modesta casinha sita do lado direito dos baifros que então começavam a levantar-se entre o Campo de Sant'Ana e a Avenida da Liberdade.

Porque fazia Joaquim Manso tais sacrificios? Por seus filhos. À margem da sua vida particular, e já que a desdita suprema da morte o feriu, todos recordam o mancoço gentilíssimo, o distinto oficial superior de marinha que foi seu filho Manuel Manso, a cuja memória impercível o escritor dedicou um volume íntimo, certo de que não poderia preencher a sua falta.

\*\*\*

Em seu lugar, ficou seu filho Pedro. Portador, por igual, das qualidades do pai, formou-se, recentemente, em engenharia e já publicou um complexo trabalho matemático.

Coração terníssimo, affectuoso e devotado, Joaquim Manso é um companheiro delicioso, um camarada sem igual, um explicador, nos seus momentos de efusiva amizade, do encanto trágico da vida. Através do labirinto complexo deste quarto de século, que ele tem vivido lado a lado com os seus colaboradores de todas as horas, tripartiu em compartimentos estanques a sua vida. E embora seja próspera ou difícil a hora que se vive, conhece os seus três géneros de afeições: o seu jornal, os seus livros e o seu decore pessoal.

É desinteressado e compreensivo sem ser delapidador; é amigo sem ser exaustivo; acompanha seus filhos na vida e na morte e o seu sacrificio é de todos conhecido. Fácil me era encher esta página com uns quantos episódios anecdóticos, mas habituei-me há muitos anos a respeitar demasiado Joaquim Manso para me permitir essa espécie de profanação de um amigo que se respeita e a quem se quere.

A sua obra de escritor, por ser mais cuidada, perdurará para além da efêmera vida das coisas de jornal. Percorro, uma vez mais, o seu «Pórtico e a Nave», no amplo sentido helénico de Templo, e nesse punhado de conferências, na sua interpretação cervantina, dostaienskiana, no sumo cuidado que põe ao traçar a figura de Antero do Quental, deparam-se-me as características de seriedade desse homem excepcional que com pesado sacrificio próprio já alinhou cerca de vinte volumes em louvor da nossa incipiente filosofia.

Há dias, em três linhas, noticiava a aparição do livro de seu filho sobrevivente. Pedro se chama,



Uma lição de peritos para oficiais e soldados franceses: o novo material exige tática diferente. Atenção, pois!...

**Q**UANDO em 1940 as forças de Weingand depuseram as armas e Compiègne foi cúmplice de uma ferida que parecia incurável na alma dos franceses, muitos julgaram que tinha terminado a batalha da França. E os próprios dissidentes que, sob a bandeira de De Gaulle, partiram velozmente para o outro lado da França, talvez que muitas vezes olhassem ansiosos o horizonte que tão toldado de névens se tingia. O movimento da França Livre triunfou, entretanto. A política que tivera no seio da nação as primeiras responsabilidades na derrota, foi vencida, pelo menos enquanto outras razões de interesses mesquinhos permanecerem abafadas pelo alto interesse da pátria: De Gaulle aperta simbolicamente as mãos de Giraud e os soldados preparam-se para enfrentar o inimigo na Europa de que foram banidos, depois de o ajudarem a saltar do Norte de África. Equipadas e municadas pelas Nações Unidas, as tropas francesas sujeitam-se a treinos intensos, porque um comando único, com exércitos heterogêneos em operações de conjunto, obedece a uma tática diferente.

# A FRANÇA ESTÁ PRESENTE!



Os oficiais e soldados do exército francês no Norte de África estão equipados com material americano. A última remessa atingiu a importância de 75 milhões de dólares.

Perto de Argélia, os artilheiros franceses adextram-se no manejo de canhões calibre 50 mm. ao lado dos seus irmãos de armas, os soldados americanos.



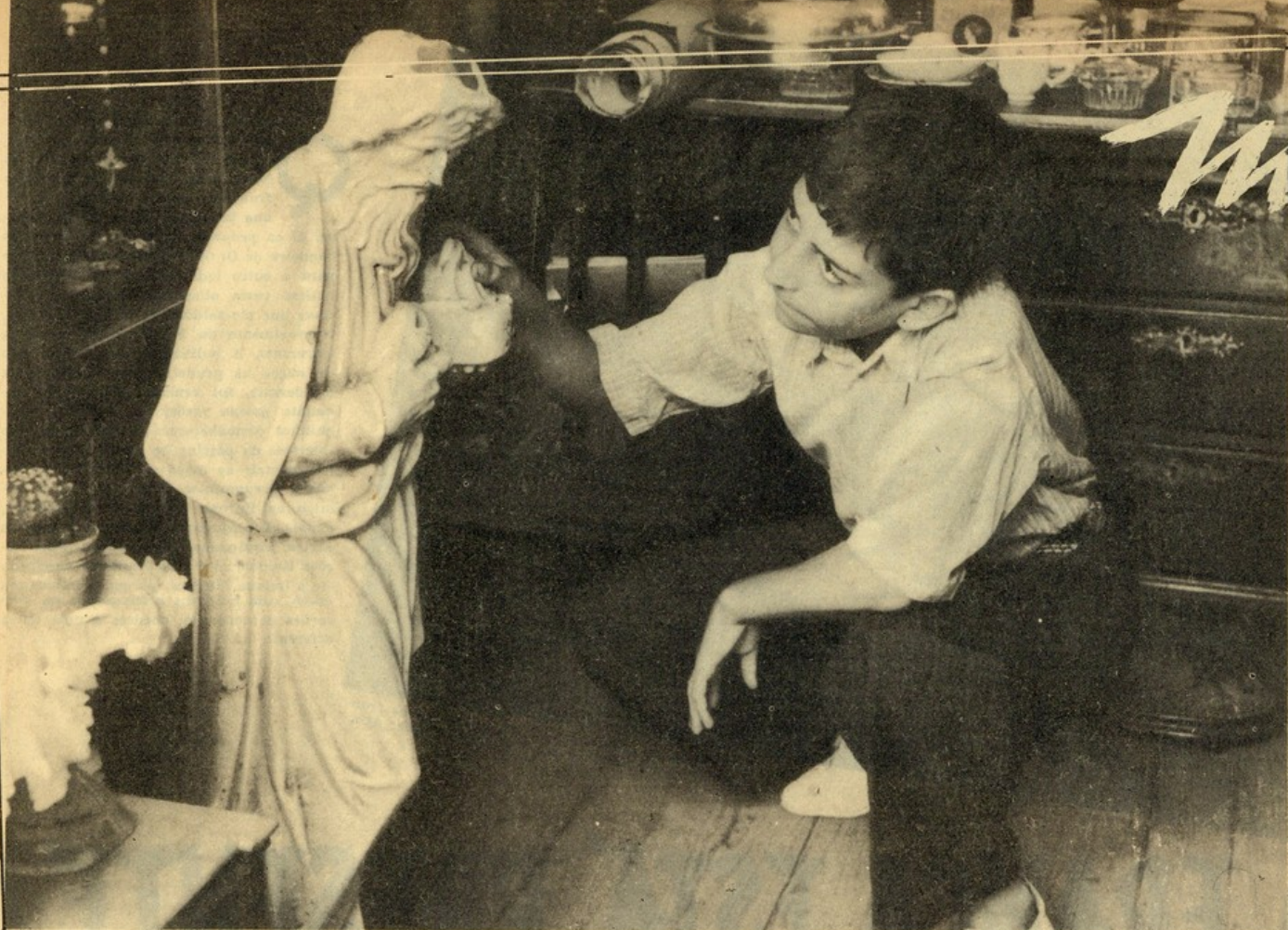
- Nos carros de transporte americanos, vão seguir elementos franceses para um posto de observação.

Uma outra imagem dos exercícios franco-americanos, nas experiências de um novo tipo de canhão, chegado recentemente ao Norte de África.



# Meus senhores, isto é histórico!

## MAS ÀS VEZES NÃO O É...



Será um santo? A adoração do pequeno pela estatueta está na curiosidade do seu olhar. Talvez pensasse que era de carne e osso — aquilo que o gesso representa. Louça do Japão com séculos de existência. O relógio está parado. Os três pratos valem o recheio duma casa dos pobres, com louça de Sacavém.

mas ninguém respondia. Reclamou troncas mas a linha estava impedida. Depois atirando os braços ao ar num desalento atrás desabafou:

— Isto só a mim!

O cavalheiro respeitável, com o nariz franzido, estava abismado. Foi ele que rompeu o silêncio.

— Mas então o garfo não é para vender?

— Pois claro que não! Já me ofereceram dois contos! Ainda a semana passada Don Perez, o da Sociedade Ibérica, veio expressamente de Madrid para o ver. Saiba o cavalheiro que esta peça é histórica — tem multíssimo valor. Foi com ele que D. Denis trinchou muitos bifés de lombo! O sujeito entupiu. Mirou, remirou. Foi vê-lo ao sol.

— Mas vende ou não? — voltou a perguntar.

O antiquário chamou-o lá dentro, para a discreção dum gabinete escuro. E passados minutos, o senhor respeitável, com modos de entendedor, saiu, lançando um olhar de triunfo, com o garfo embrialhado num papel que lhe derreava o braço. Resta dizer, unicamente, que numa casa de prego, do Bairro Alto — um desvão inundo cheio de naftalina, — tem na montra onze garfos irmãos daquele vendido no antiquário. A mesma lenda, o mesmo marfim — e até o péso certinho. O penhorista vende aquilo tudo ao prego do ferro. Simplesmente como não percebe bem dessas coisas não vai dizer que aquilo pertencia ao rei Lavrador...

E o homenzinho acrescenta, com mágoa, que teve muita pena que um deles tivesse ido no barril do lixo quando, na balbúrdia das obras, os carpinteiros enchiam a casa de aparas.

\*\*\*

Há muita gente que supõe perceber dessas coisas de «bric-à-brac». E então é vê-los, nos leilões, muito atentos, a olhar os objectos com um ar convicto de erudição. Cômida D. João V — belos fechos, um tempo restaurado! Quanto vale?

E, na praça, os que conhecem entreolhan\* sorridentes — eles bem sabem que os marceneiros do Norte são muito perfeitos nos seus trabalhos. Jarras japonesas — que qualquer «Vista Alegre ou Sacavém» saberia imitar primorosamente — encanta os leigos e os parólos. Cristais, faianças, pratos lavradas — tudo, enfim que foi belo e fez o aparato duma casa — se amontão entre canapés e estofos esburacados à espera de comprador.

A casa do antiquário reflecte, até certo modo, o viver duma sociedade. Pelas paredes, dispostos com gosto, uma colecção de leques. E a gente fica a cismar nos olhos negros ou azues que se teriam escondido por detrás, quando o rubor, vindo dum beijo roubado, subia às faces. Pequenos quadros, bustos e estatuetas, cadeirões que em qualquer casa burguesa iam logo para o lume — de mais com esta falta de carvão! — tudo em monte, com a etiqueta que lhe dá valor. Todos os objectos têm a sua história.

Uma pobre chávena de louça barata pode vir, através duma geração, a acordar reminiscências. E então conta-se: «Olha que por esta chávena bebei a tua avó muito cafézinho!». O valor é estimativo — é um afecto, uma ternura, um fio na amizade da família, que se recorda saudosamente. Porém, nestes objectos de

«bric-à-brac» há qualquer coisa que nos prende. Seja o seu poder evocador dum passado de grandeza, seja a sua simplicidade tocante de formas, a sua graça, o próprio brilho que refulge, tudo, enfim, nos encanta — e, diga-se de passagem, nos faz pena de não termos dinheiro para mobiliarmos uma casa moderna... à antiga.

Evidentemente que será disparate pôr-se meia dúzia de bons pratos, espetados na parede, quando o contraplacado do guarda-louça faz às visitas colocar os chapéus, supondo bengaleiro, num monstro daqueles. Todavia pessoas há que procedem assim. Vão ao antiquário, regateiam por trezentos escudos uma cadeira de couro, de espaldar. Mostram aos amigos, ufanas da sua compra. Aos poucos vão mobilando a casa. Uma carpete esburacada lá por que esteve na cozinha do senhor Duque de Palmela custa quatro contos. O burguês compra. Volta a chamar os amigos. Depois arranja o lustre, um bellissimo lustre que jazia, ao canto das cavalariças da Casa Cadaval. Ainda traz um cheiro acre... a patha. Manda-se arear ou niquelar — qualquer coisa enfim que lhe dê aspecto decente... e pronto, venham quatro contos! Seguidamente duas colchas — do sótão deshabitado de qualquer condessa — um quadro de autor desconhecido, uma cómoda de pau santo... em bom pinho, uns pratos orientais... de Sacavém... e uma interessante colecção de chávenas chinesas, nascidas nas Caldas... A casa, assim, vai-se mobilando — desmobilando, claro, o dono. As duas por três o cavalheiro tem em casa um «bric-à-brac» do Campo de Santana e a Câmara se descobre, cobra-lhe a contribuição. Um amigo meu que também sofre destas manias de comprar «coisitas» — é o termo dele — nos antiquários, arranjou uma bellissima cadeira por trezentos escudos. Pois aqui há dias, estando eu por acaso em casa dele, reparei que o electricista que arranjava as pilhas da campânha tinha os pés prantados em cima do couro, da riquíssima cadeira D. João V. Fôra a Ex.<sup>ma</sup> espôsa, que hoje é madame de... — e antes vendera hortaliça — que, quando o operário pedira o escadote, dissera: «Veja se com esta cadeira se remedia! Isto» que o meu espôso mandou pelo galego deve ser para o lume, não, Luísa?

E apontava à bronca criada, a riquíssima cadeira.

MANUEL MARTINHO

**A**QUI está uma linda jarra do Japão, que pertenceu ao senhor marquês de Milfontes, trazida duma das suas viagens ao Oriente! É uma peça bojudá, esmaltada de dourados, com a asa partida. Pedem três contos. Três contos é dinheiro!

Depois um ajrão por aquê prego está ao alcance da negligência da criadagem que, uma manhã, a cantarolar a «mulher do padeiro», chega-lhe a biqueira do sapato — e ficam os três mil escudos em fanicos. Um senhor grave, calvo, polido de maneiras, entra no antiquário. Olha por sobre o montão de objectos, dispersos pelas prateleiras. Ali são enfiadas de santinhos — os sorridentes frades de chinelas, os hábitos a roçarem o chão, passeiam — no quadro, claro — pelo silêncio das bibliotecas. Um Santo António, de mão erguida, a calva resplandecendo numa auréola de triunfo divino, fala, decerto, aos peixes. S. João Baptista o que baptizou o Senhor, no Rio Jordão, meio curvado a um cajado onde se arrima sorri, numa felicidade plena. Santos, descendo do céu, entre as nuvens, esperam a Terra. Gravuras antigas, oleografias, estatuetas, cadeiras partidas, punhais velhos e pratos de Sevres, espadas de generais e copos de adagas famosas, caixilhos dourados e cómodas... incómodas, altos armários e pequenas escrevaninhas brunidos e torcidos; faianças e estatuetas — tudo muito bem catalogado, enchem e atravancam a loja.

O senhor grave, depois de ter olhado tudo, detém-se diante dum garfo. É uma peça enorme, que pesa bem trezentos gramas. O cabo é de marfim e tem escrito um pensamento gastronómico: «nunca deixes de me levar à boca». O sujeito sisudo achou graça, sorriu mesmo. E perguntou: «quanto queres?»

O antiquário recuou, espantado. Como diabo tinha vindo aquilo para ali? Chamou o empregado, um rapazinho franzido, com um «tic» nervoso que lhe fazia abanar a cabeça, mesmo quando dizia que sim. Ele, empregado, também não sabia. Foi ao telefone, aterrorizado. Pediu números —

Bengalas antigas. Está aqui uma que pertenceu a uma alta figura histórica. Qual valerá mais? Todas as bengalas ou o sorriso moço e fiteco desta gentil rapariga?



Chávenas da China. Um bule lindíssimo, mas pedem por ele os olhos da cara. O comprador vê bem, não vá levar por caro — o que é imitação...



Este santo tem expressão. Ainda não chegaram a um acôrdo. O antiquário quer pelo objecto um preço exorbitante. Se ainda fizesse milhares? Podo ser que sim... pelo menos o milagre de render aquilo que o artista nunca pensou...



WINANT — Quando se fizer a história desta guerra e se revelarem os actos e os homens que ficaram para além do grande conhecimento do público, há-de saber-se até que ponto o embaixador dos Estados Unidos em Londres, amigo pessoal de Roosevelt e seu homem de confiança, contribuiu para a condução das boas relações entre os povos de língua inglesa. Desde as horas inquietas de 1939, quando ainda o seu país estava longe das realidades da guerra, Winant passou a exercer a vigilância dessas mesmas realidades. O antigo comerciante e banqueiro, que durante anos trabalhara em Genebra na Repartição Internacional do Trabalho — não lhe eram familiares os problemas do trabalho e da produção? — ainda dentro dessas mesmas realidades que o povo americano acabou por tomar como verdadeiras, é que foi convidado a aceitar, com a saída de Kennedy, o difícil posto de embaixador dos Estados Unidos em Londres. Ali se mantém, igual a si mesmo e aos seus compatriotas, observador inteligente e condutor hábil — agora que a própria condução dos acontecimentos, pelo facto de estar entregue a muitos, não se tornou mais fácil para alguns...

(Caricatura de SANTANA)



# ÊLE, ELA e o livro

UM CONTO POR AUGUSTO DA COSTA



**E**RA um dos seus prazeres predilectos, depois de mostrar-se pelo Chiado, demorar-se um bocado pelas paragens dos eléctricos, por volta das sete, ao fechar das lojas. Acabara de publicar o seu primeiro livro: *Via Láctea* — «poemas em prosa»; êle próprio, servindo-se dos múltiplos canais das suas amizades, fizera anunciar, em pequenas notas que chegavam dactilografadas às redacções, tratar-se de uma verdadeira revelação literária; em seguida, chegara a vez dos críticos: as opiniões revelavam-se unânimes em proclamar, autor e livro, casos raros nas letras portuguesas, prenúncio sério de verdadeiro renascimento; haviam-se multiplicado, nos jornais, as fotografias do autor, mostrando os seus grandes olhos negros de poeta, emoldurados por uns poderosíssimos óculos de tartaruga, no conjunto revelavam — olhos e óculos — o poeta atento aos apêlos eternos da Poesia, dentro do homem sensível a tôdas as maravilhas do progresso.

A imagem fôra, pois, reproduzida largamente na Imprensa, incluindo as publicações semanais. O artista, em sua consciência, lamentava tão larga publicidade: os «poemas em prosa», reunidos na *Via Láctea*, não careciam do juízo do público para serem verdadeiras maravilhas — além de não ser digno do artista consciente do seu valor descer a cativar o gosto do público; mas logo vinha o Homem, com o seu bom-senso de Sancho Pansa, insinuar a D. Quixote que o melhor sempre seria fazer um pouco de publicidade, mesmo com sacrifício da modéstia, pois os livros publicavam-se para serem vendidos, e o público — eterna criança! — não os compraria, se os não visse anunciados e louvados nos jornais...

O artista curvou-se perante o Homem. A instintiva repugnância com que mandara os primeiros elogios, dactilografados, para os jornais, sucedera uma espécie de euforia, uma sensação íntima de vaidade satisfeita, tanto mais profundamente sentida, quanto maiores eram os elogios publicados. Seria possível que a crítica dos jornais o recebesse, o compreendesse, o acolhesse tão amável e — vamos lá! — tão justamente? Era, na verdade, possível; a República das Letras, passado um lamentável colapso, cheio de intrigas e mal-querenças, principiava, enfim, a mostrar-se humanamente compreensiva, leal, afectuosa, acolhedora para os ignorados talentos dos mais novos. Uma nota, sobretudo, lhe bailava no espírito. Algum escrevera, a propósito de *Via Láctea*: — «livro tão subtilmente feminino nalguns dos seus poemas, que as mulheres, receptáculos vivos para a poesia das almas e das coisas, não poderão deixar de senti-lo intensamente, bebendo-lhe os poemas com os olhos e sonhando, no seu espírito, com a imagem do autor...». Era malicioso, sim; mas porque não haveria de ser também verdadeiro?

Com malícia ou sem malícia, o crítico fizera do prosador-poeta da *Via Láctea* um êmulos potencial de Casanova. Quantas mulheres — desde que delas êle pudesse aproximar-se — conseguiriam resistir às fulgurações do seu espírito, às vibrações da sua sensibilidade? Que borboleta será capaz de fugir ao

perfume e à doçura de uma flor? Por isso ali estava agora na paragem dos Restauradores, fazendo as suas experiências de psicologia experimental... Já na véspera lhe acontecera, no Chiado, seguir uma rapariga interessante, moderna das unhas dos pés, espreitando, muito rosadas, pelos buracos dos sapatos, até às pestanas, coladas com goma em grupos de duas, e ao sítio das sobrancelhas, substituídas por um débil risco de lápis azul; entrara com ela numa livraria para ver, discretamente, que livro ela comprava; e quando êle se preparava já para lhe agradecer a honra de ter escolhido um livro tão modesto como *Via Láctea*, oferecendo-lhe, em troca, uma dedicatória autógrafa, que poderia conduzir direitinha a um chá em *sête-à-sête* — que fêz ela? Escolheu, mandou embrulhar, pagou o último romance do americano John Kiss, intitulado *Um canário fugiu da gaiola!* Afinal, um caso de puro, de verdadeiro «pirismo» literário... Uma rapariga tão bonita, trocar um autor português como êle por um John Kiss qualquer, e um livro cheio de beleza e poesia, como *Via Láctea*, por *Um canário fugiu da gaiola!* Depressa, todavia, se consolou: se uma andorinha não faz a Primavera, também uma leitora de mau gosto não bastaria para transformar o panorama literário português... Por isso ali estava agora, nos Restauradores, à espreita das suas admiradoras — que certamente não poderiam atraí-lo, depois do que havia sido publicado nos jornais...

## II

A hora H chegou. Ali estava, a dois passos dêle, esperando carro, uma admiradora! Como não a conhecia da sociedade, devia ser apenas dactilógrafa em qualquer escritório importante, possivelmente numa companhia estrangeira: não tinha meias, nem chapéu, nem luvas; em compensação, usava óculos azuis e mala a tiracolo, avantajada. Mas que espécie de importância poderia isso ter? Se ela comprara *Via Láctea*, tratava-se — dactilógrafa ou filha-família — de um espírito superior, de uma mulher de sensibilidade verdadeiramente feminina... Começou êle, então, a olhá-la, a mirá-la de alto a baixo: mereceria uma chávena de chá, em *sête-à-sête*? A pergunta tinha sua razão de ser; por mais poeta que êle se sentisse, não poderia esquecer-se de que era também homem — e celibatário; seria demasiado platonismo, portanto, encontrar no seu caminho uma mulher, leitora da *Via Láctea*, admiradora por certo do talento do seu autor, engraçada ainda por cima — e ficar-se a vê-la de longe, sem lhe oferecer, ao menos, uma chávena de chá, para ter oportunidade de ouvi-la sobre os frutos do seu talento poético e literário... Quanto ela lhe dizesse a propósito da *Via Láctea*, quanto êle beberia sequioso, dos seus lábios, com os olhos. — Com os olhos, apenas? Seria pouco... E, congeminando em tudo quanto pudesse acontecer, a partir do momento em que se revelasse o autor de tão poético livro, foi êle apertando o cêrco, silenciosamente, à volta da sua desconhecida leitora — como um «franço», no século XVIII, fazendo a côrte a uma «bandarrinha»...

— Gosta dêsse livro?  
— Adoro-o!  
— Gostaria de conhecer o autor?  
— Infinitamente! Seria um sonho das *Mil e Uma Noites*... Conhece-o?  
— Sou eu...

Até aqui, imaginou êle o diálogo. Estava mesmo a ver-se, corado, de olhos castamente, humildemente postos no chão, no momento de lhe dizer: «sou eu...». Que responderia ela, porém, atingido o momento psicológico?

Poderia corar muito, baixar também os olhos, e murmurar, perturbada:

— Ampare-me, que desfaleço de alegria...  
Que belo e romântico seria! Que maior glória, para o talento de um artista, do que ver uma mulher bonita derreter-se de admiração a seus pés! A «paragem» dos eléctricos, nos Restauradores, nunca por certo teria assistido a tão lírico e comovedor espectáculo... Mas ela poderia também não ser tão «poé-

tica», tão romântica como parecia, e dar-lhe uma resposta desconcertante:

— Ah, sim?! Não sabia que usava uns óculos tão feios...

Pensava êle em tudo isto, medindo as distâncias, preparando os seus planos de ataque, quando chegou o eléctrico que deveria conduzir a sua desconhecida admiradora. O carro foi tomado de assalto pela infantaria dos dois sexos, ansiosa por chegar a casa. Corajosamente, ela participou do assalto, não olhando aos riscos e perigos de ser arrastada, derrubada, espelhada; êle também, embora fôsse contra o seu temperamento de artista os contactos com a multidão — êle também, por amor de uma mulher, não hesitou em lançar-se na refrega; mas tão arrojado foi nos seus ímpetos, tão infeliz nos seus movimentos, que pôs todo o péso do corpo — inadvertidamente! — sobre o pé ligeiro, quase imaterial, da sua adorável leitora...

— Que bruto!

— Oh! minha senhora... Mil perdões! A culpa é desta gente mal educada...

Energica, e com a segurança de quem possui longa experiência das plataformas dos eléctricos, ela não hesitou na resposta:

— Esteja calado, se não quiere que chame o polícia! No Toren, depois, logo o ensinam a ser correcto!

Lívido; êle balbuciou:

— Repito, minha senhora...

O condutor aproximou-se. Ela aproveitou a oportunidade:

— Faça favor de mandar sair êste senhor de óculos, que não é correcto com as senhoras...

Não precisou o

condutor, porém,

de exercer a sua

autoridade. Cada

vez mais lívido,

e de sculpando-se

para a direita e

para a esquerda,

entre sorrisos de

mofo e piscadelas de

olho, o jovem

autor da *Via*

*Láctea* desceu do

eléctrico; ela se

seguiu tranqüilamente

viagem, aliviada

daquela presença

indesejável, que

lhe bolia com

os nervos desde

que meia hora

antes a tinha no-

tado. Detestava os

conquistadores pro-

fissionais, intrometidos,

incorrectos,

inconvenientes... E

quando chegou a

casa, o seu pri-

meiro cuidado foi

fechar-se no quar-

to, estender-se

sobre um divã, la-

var-se das impu-

rezas da vida, mer-

gulhando o espí-

rito nas páginas

luminosas e rescen-

dentes — luz das

estrelas, perfumes

das flores! — na

água lustral dos

amorosos «poemas

em prosa» enfiex-

ados na *Via Láctea*.

Quanto mais «poe-

mas» lia, mais alto

longe e mais alto



(Continua na pág. 18)

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## CAPITULO XXII — A guerra no mar e nos ares

### I O CENTRO DE GRAVIDADE DA GUERRA SUBMARINA

**N**o mar e no ar, a guerra no começo de 1942 desenvolveu-se sob o signo da intervenção americana que se verificara três semanas antes. Os dois blocos beligerantes passaram a entrar em linha de conta com esse factor novo que, esperado ansiosamente

por uns e justamente temido por outros, acabava de fazer a sua entrada sensacional no quadro das forças em presença. Para os Aliados, a participação americana representava a certeza de que, com o material que passariam a receber em proporções incomparavelmente maiores, com a intervenção dos Estados Unidos, mais cedo ou mais tarde e certamente mais cedo do que tarde, seriam os próprios soldados americanos que, mais uma vez, seriam traidos nos campos de batalha dos outros continentes como acontecera vinte anos antes.

Para as Potências do Eixo o problema da intervenção americana revestia-se, igualmente, duma importância capital. Tanto em Roma como em Berlim considerava-se sempre pouco provável que essa intervenção viesse a verificar-se de maneira ostensiva, dada a força de que dispunha naquele país a corrente isolacionista e quaisquer que fossem as aparências criadas pela orientação política do Presidente Roosevelt. Mas, de qualquer maneira, havia nos meios alemães e Italianos a convicção, publicamente afirmada, de que se esse facto viesse a produzir-se, ele chegaria demasiado tarde, pois o desgaste a que a nação britânica seria entretanto

sujeita excederia a sua capacidade de resistência. Além disso, era evidente que os países do Eixo contavam com a possibilidade duma intervenção nipônica susceptível de anular o factor americano. Essa esperança não deixava de criar um sentimento compreensível de confiança.

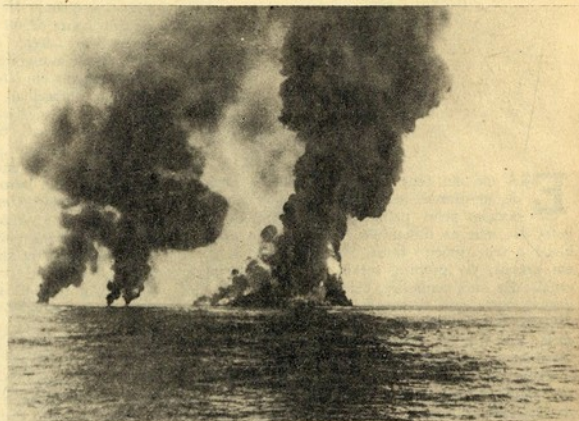
Quando os Estados Unidos, depois de Pearl Harbour, entraram na guerra, tanto a Alemanha como a Itália foram obrigadas a rever a sua posição em função desse factor novo. Para os dirigentes militares do Reich tratava-se de assegurar ao aliado nipônico uma colaboração imediata e eficaz e essa só podia ser realizada pela intensificação da luta submarina no Atlântico, de modo que o péso desta viesse a afectar a marinha mercante norte-americana de preferência a afectar a marinha mercante britânica que, até all, fora o alvo preferido dos seus ataques. Por isso, durante os primeiros meses de 1942 o centro de gravidade da guerra submarina se deslocou no Atlântico, de leste para oeste, aproximando-se das costas do hemisfério ocidental que passaram a ser não apenas frequentemente visitadas mas ostensivamente atacadas pela arma submarina do Reich.

#### OS PRIMEIROS ATAQUES

Qualquer que fosse o relêvo dado ao episódio ocorrido com os navios de linha alemães, «Scharnhorst» e «Gneisenau», ocorrido nessa época (e, por mais contraditório que isto pareça, era mais do interesse dos ingleses que dos alemães atribuir-lhe uma importância decisiva no conjunto da guerra naval) a verdade é que a campanha submarina continuou a ocupar o primeiro plano das preocupações dos chefes políticos e militares tanto aliados como germano-italianos. De tal maneira que todas as outras modalidades da guerra naval se deixaram obscurecer e que a designação «batalha do Atlântico» passou indevidamente a englobar apenas o conjunto de acções constituído pelos ataques da arma submarina alemã e pelas medidas defensivas encaradas e postas em prática pelos Aliados para lhe fazer frente com uma eficiência maior ou menor.



O almirante Doenitz, que dirige superiormente os ataques de submarinos alemães, quando esteve em Veneza.



Junto da costa americana, os torpedos alemães atacavam os petroleiros que se dirigiam para a Europa.

Tanto em Londres como em Berlim proclamava-se, não sem certo fundamento, que se a decisão da guerra dependia essencialmente de algum factor, esse factor era bem a evolução da batalha do Atlântico. O volume de afundamentos aumentava em proporções desconhecidas, visto que o Amiralante britânico, por uma medida de precaução, deixara de publicar os números oficiais relativos aos afundamentos e os observadores militares tinham apenas à sua disposição um elemento de prova: os comunicados de origem alemã, que em Londres consideravam sistematicamente exagerados, sem que, entretanto, oferecessem para confronto os números de origem britânica.

Os submarinos alemães fizeram, por essa altura, a sua aparição nos mares do continente americano, atacando a navegação dos Estados Unidos e de outros países do hemisfério ocidental sem que, por isso, houvessem abandonado completamente a luta contra a navegação britânica no Atlântico ocidental e sobretudo na rota do Ártico, por onde seguiam os comboios com o material destinado a alimentar a resistência russa que então atravessava uma fase particularmente difícil.

#### A INTENSIFICAÇÃO DOS ATAQUES

A primeira indicação concreta de que o centro de gravidade da campanha submarina se havia deslocado para ocidente foi dada pelo afundamento do navio cisterna norueguês «Norness», no dia 14 de Janeiro de 1942. Cinco dias mais tarde, a 19 daquele mês, eram afundados nas águas americanas dois navios mercantes, um dos quais o «City of Atlanta». Dos quarenta e seis passageiros deste último barco apenas três puderam ser salvos. Os comunicados oficiais deram, logo em seguida, conta de novos afundamentos a respeito dos quais não podiam subsistir quaisquer dúvidas.

Ainda em Janeiro foram afundados o navio cisterna norueguês, «Varanger», e um outro navio americano do mesmo tipo, o «Venore». Deste último

perderam-se vinte e dois homens. Ainda em Janeiro foi afundado o paquete «Lady Hawkins» da Canadian National que transportava duzentos e doze passageiros e cento e nove homens de tripulação. Dos trezentos e vinte homens que transportava apenas puderam ser salvos, depois de várias peripécias, setenta e um. Os americanos perderam, no mesmo período, algumas unidades ligeiras da sua marinha de guerra que andavam empenhadas na caça aos submarinos, figurando entre elas o contra-torpedeiro «Vimiera», a corveta «Salvia» e um outro barco de pequena tonelagem, o «Lady Shirley». Estas perdas, embora não fossem muito graves, indicavam que a luta contra os submarinos se organizava nos Estados Unidos onde as precauções tomadas a esse respeito se revelaram manifestamente insuficientes perante a extensão e a gravidade do ataque.

Nas imediações de Fernando Pó, os ingleses atacaram um navio mercante italiano, o «Duchessa d'Aosta». Não se assinalou no Atlântico Sul, ao contrário das versões que corriam com grande intensidade, a presença de qualquer corsário alemão ou italiano. Mas a acção dos submarinos tornou-se muito notada junto da costa ocidental do continente africano. Foi nessas paragens que se registou o misterioso afundamento dum navio mercante alemão, o «Spreewald», de cinco mil toneladas, que tentara violar o bloqueio saindo de Yokohama onde ultimamente fora assinalada a sua passagem e aventurando-se nas águas estreitamente vigiadas pelas unidades da esquadra britânica.

#### NO MAR DAS CARAIIBES

Em Fevereiro, os ataques de submarinos alemães junto das costas da América tornaram-se não só mais frequentes como também mais eficazes. Uma das razões do recrudescimento da campanha submarina com essas características era, certamente, o tremendo esforço que haviam sido submetidas as respectivas tripulações que, até aquela altura, apenas haviam operado junto às costas da Europa ou ao largo do Atlântico.

O aparecimento de alguns desses submarinos no mar das Caraíbas, onde a 16 de Fevereiro bombardearam as instalações petrolíferas da ilha de Aruba, denotava, por um lado, a pericia das tripulações de submarinos alemães e, por outro, a falta de medidas adequadas que deveriam ter sido oportunamente tomadas para proteger instalações de grande importância para o prosseguimento da guerra que existiam na costa ocidental da América e nas suas proximidades.

As autoridades navais norte-americanas não tiveram dificuldade em constatar que os submarinos alemães davam uma atenção especial aos na-



vios tanques, fazendo deles o alvo preferido dos seus ataques. Sucessivamente, desapareceram os navios desse tipo americanos «Pan Massachussetts» (8.202 t.), «Republic» (5.287 t.), «Cities Service Empire» (8.103 t.) e o norueguês «Koenigs-gaard» (9.467 t.). Este último petroleiro foi afundado nas proximidades de Curaçao e os outros no Atlântico Norte quando demandavam portos americanos.

Em 23 de Fevereiro, perante a inquietação crescente da opinião pública norte-americana, o Departamento de marinha publicou uma declaração especial sobre a evolução da guerra submarina no Atlântico. Esse comunicado dava conta de dezasseis afundamentos, registados desde o dia 14 de Janeiro até à data da sua publicação, assinalando a perda de quatrocentas e cinquenta e sete vidas. O afundamento do cargueiro de oito mil toneladas «Marte» revelou a nova tática dos submarinos alemães que começavam a operar em cardumes em vez de actuarem, como até ali, isoladamente.

Esta tática tinha as suas vantagens e os seus inconvenientes. Mas o efeito inicial de surpresa foi completamente conseguido com a sua aplicação e até que as autoridades navais anglo-ame-

ricanas aperfeiçoassem os seus métodos defensivos, o que só veio a verificar-se alguns meses depois, a acção dos cardumes de submarinos alemães revelou-se particularmente perigosa e eficaz.

#### AS PERDAS REGISTRADAS

A luta contra os submarinos ia simultaneamente causando alguns prejuízos às forças navais anglo-americanas. Os americanos perderam, além das unidades que já mencionámos, mais os contra-torpedeiros «Jacob Jones», e o «Alexander Hamilton» e os ingleses o contra-torpedeiro «Matabele», a corveta «Spikenard» e o navio auxiliar «Culvers». Mais tarde foram afundados dois outros navios empregados no mesmo serviço, as corvetas inglesas «Arbutus» e a francesa «Alice».

Mas à medida que ingleses e americanos iam aperfeiçoando os seus métodos defensivos, os alemães perdiam algumas das suas unidades submarinas e com elas algumas das suas tripulações especializadas. Foi no primeiro trimestre de 1942 que se registou o desaparecimento de um dos mais conhecidos e famosos comandantes de submarinos, o tenente Endrass, que com o seu camarada Priem detinha um récore de afundamentos. O desaparecimento de tripulações especializadas era mais sensível do que o desaparecimento das próprias unidades, pois o recrutamento não bastava para organizar tripulações, sendo necessário substituir estas a um adiantamento intensivo e geralmente demorado o que, em boa parte, justificava as alternativas verificadas na evolução da guerra submarina.

Um outro comunicado do Departamento de marinha norte-americano, publicado na mesma altura, dizia que a armada americana afundara, desde a declaração de guerra ao Reich, vinte e um submarinos alemães, dezasseis dos quais pela acção das unidades de superfície norte-americanas e dois por ataques aéreos. O Almirantado inglês, fiel ao princípio de não revelar os números relativos aos afun-



damentos da sua marinha mercante, não revelava igualmente quaisquer números sobre os afundamentos de submarinos inimigos realizados pela sua marinha de guerra.

Em Março os submarinos alemães voltaram a fazer a sua aparição nas águas do mar das Caraíbas, bombardeando as ilhas de Mona e de S. Lucia e afundando alguns navios mercantes que se encontravam fundeados nas costas de Porto Rico.

#### O AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO

No começo de 1942 os homens de Estado aliados tinham podido fazer declarações relativamente tranquilizadoras sobre a marcha da guerra submarina. A sua avaliação das realizações levadas a cabo no decurso do ano de 1941 eram o tema dessas declarações e podiam resumir-se assim, os Aliados tinham conseguido apreender metade da tonelagem inimiga ou neutra que se dispusera a violar o bloqueio; tinham ao mesmo tempo destruído vinte e dois corsários e navios de abastecimento inimigos e pela acção da sua própria arma submarina tinham afundado dois milhões e quinhentas mil toneladas de marinha mercante alemã e italiana.

O ministro do Comércio do Canadá, sr. Mac Kinnon, e o Primeiro Lord do Almirantado britânico, sr. Alexander, haviam utilizado nas suas declarações esses números e esses factos para procurarem fazer a demonstração de que as perdas aliadas eram, em parte pelo menos, compensadas

pelas perdas do inimigo em navios de fôda a espécie. Esta verdade não invalidava, porém, o conceito fundamental de que o Reich fazia uma guerra de tipo continental sobre a base da sua máquina militar terrestre e aérea, enquanto a Grã-Bretanha dependia, fundamentalmente, para a continuação da luta do funcionamento regular das suas rotas de abastecimento, a principal das quais era a rota do Atlântico.

Durante os meses de Fevereiro e Março, a situação agravava-se para os Aliados de maneira considerável, em parte porque os submarinos alemães haviam levado as suas incursões até ao litoral do continente americano, em parte porque o volume dos afundamentos aumentava em proporções desconhecidas mas certamente pouco tranquilizadoras. Esta desvantagem, reconhecida nos países interessados, só tinham uma compensação distante na preparação intensiva de medidas em grande escala para combater a ameaça submarina e no aumento da construção naval anglo-americana, pois os estaleiros dos dois países, e especialmente os estaleiros norte-americanos, começavam a produzir uma tonelagem apreciável.

#### MOVIMENTO DE NAVIOS

Entretanto, se as águas do Atlântico continuavam a constituir a prin-



cipal preocupação do Almirantado do Reich, este não deixava de vigiar, o mais cuidadosamente que lhe era possível, a rota do Ártico pois o envio de material de guerra de procedência inglesa e americana aos russos estava intimamente relacionado com a evolução da batalha de leste, que era para o Reich de primordial importância. Os primeiros meses de 1942 coincidem com a contra-ofensiva soviética de inverno e compreende-se facilmente que os alemães procurassem evitar, por todos os processos ao seu alcance, que o potencial de guerra inimigo pudesse ser reforçado pelas remessas de material dos seus aliados.

No dia 9 de Março, a aviação de reconhecimento inglesa deu conta de que o navio de linha alemão «Tirpitz» procurava abandonar o porto de Trondheim, onde havia muito se encon-

trava, seguindo em direcção ao norte. Tudo indicava que o seu objectivo devia ser o ataque aos comboios anglo-americanos que seguiam a rota do Ártico. O «Tirpitz» foi localizado e atacado por aviões torpedeiros que lhe produziram avarias, tendo o navio de voltar ao porto de partida protegido por nuvens de fumo. Simultaneamente foram assinalados movi-



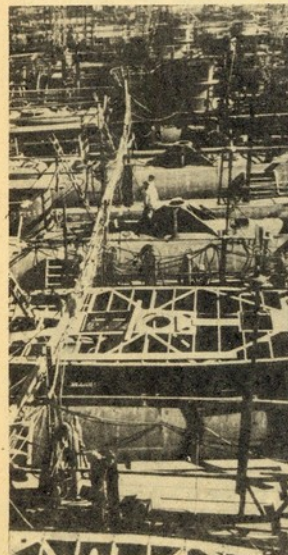
mentos de dois outros navios de superfície alemães, o «Admiral Scheer» e o «Prinz Eugen», sendo de presumir que esses movimentos tivessem uma finalidade idêntica à que o «Tirpitz» procurava alcançar saindo de Trondheim.

Em meados de Março estas suspeitas encontravam a sua confirmação nos acontecimentos, pois um recorte de certa importância travado nas águas do Ártico entre navios de superfície ingleses e alemães liquidou-se com perdas para os dois lados. Uma tempestade de neve impediu o prosseguimento da luta no decurso da qual ficaram avariados os contra-torpedeiros britânicos «Trinidad» e «Eclipse». O comboio que eles escoltavam pôde, entretanto, atingir o porto de Murmansk.

Os recortes no Ártico passaram, a partir desse momento, a ser mais frequentes e a passagem de comboios tornou-se cada vez mais difícil. Dada a necessidade de enviar material de guerra aos seus aliados de leste, os ingleses nunca deixaram de realizar esses comboios mas as perdas registadas aumentaram, sendo atingidos navios mercantes e navios de escolta com uma frequência crescente à medida que os ataques de navios de superfície, de submarinos e de aviões alemães se multiplicavam e aumentavam de intensidade.

Foi na altura em que as atenções do Almirantado britânico estavam principalmente fixadas nos acontecimentos do Ártico e em que os ataques ao longo do litoral americano preocupavam o Departamento de marinha de Washington, que os alemães tentaram fazer sair do porto de Brest, onde se encontravam, duas das mais poderosas unidades da sua esquadra de superfície, os couraçados «Scharnhorst» e «Gneisenau» (de vinte seis mil toneladas cada um) em condições que constituem uma das páginas mais emocionantes da história do actual conflito.

(Continua)



Nos estaleiros alemães, a construção dos submarinos atingiu um incremento vertiginoso.

**APRENDA RADIO**

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil  
Peça folhetos grátis à

**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

**Vida MUNDIAL**  
Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números) ..... 13\$00	6 meses (26 números) ..... 40\$00
6 " (26 " ) ..... 26\$00	12 " (52 " ) ..... 80\$00
12 " (52 " ) ..... 52\$00	
ÁFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
12 meses (52 números) ..... 68\$00	6 meses (26 números) ..... 47\$00
	12 " (52 " ) ..... 94\$00



# MANIACOS DA LITERATURA



**E**M lódas as gerações houve maniacos da literatura. Sobretudo, a poesia teve sempre cultores fervorosos que compararam os olhos pestanudos da Beatriz às estrelas cadentes do céu — e o escuro das noites tenebrosas à negura duma alma, padecendo de amor... Anda por aí impresso um volume de versos que traz nas capas, a pomada brilhantina para o calçado e o sabão de sêda que tira as nódoas de gordura. Evidentemente que a inspiração espasmódica do poeta tem, por força, o travo forte do manicômio. Estes desequilibrados da pane são, porém, inofensivos.

Jaime José Ribeiro de Carvalho, o popular autor de diferentes e originais opúsculos de moral e higiene, deleitou uma geração, com a sua prosa. Se fazia versos sem rima — era o modernismo a germinar — mandava o conde de Restêlo vender melões para a Feira de Belém, porque não podia tolerar ignorantes e iletrados à frente dos negócios do Estado. O pobre escritor público supunha que o titular era seu inimigo feroz — por lhe temer a clareza da pena e a popularidade que disfrutava na humanidade do seu país — como êle dizia.

Os livros do popular autor dos ditos diferentes e originais opúsculos de moral e higiene, só por si, valem uma literatura humorística. Tem um que ensina a maneira de se fazer café — desde o acender do lume ao temperá-lo com açúcar; em cada capítulo trata, com propriedade, a forma como se deve servir em chicharas; numa nota sucinta esclarece o leitor que nunca se deve *assoprar* o líquido quando êle está no pires, para arrefecer. Um folheto denomina-se: «A Influência que o planeta Lua tem sobre os corações dos derrichos» — e compõe-se de duas partes: uma em verso outra em prosa. Logo no prefácio o autor mostra os seus conhecimentos dizendo: «como muito bem sabe êste Escritor Público, o planeta sol», etc.

Outros escritores seguiram as pégadas dêste desequilibrado. Dizem até que êle devia ter aprendido pelo «Dicionário da Língua Portuguesa» do padre Bernardo de Lima e Melo Bacellar, Prior no Alentejo.

O padre Bernardo, gôrdo e anafado, a papeira a cair-lhe sobre um pescoço largo e bem nutrido, tratava-se bem — e cultivava as letras.

Não se sabe, ao certo, se morreu como o pároco Miguéis, de apoplexia, depois duma ceia de peixe, enquanto em casa do deputado Godinho se «polkava», com alarido — como conta o Eça de Queiroz. A verdade, porém, é que os seus rebentos literários nada têm de famosos.

Um dêles, que lhe levou longos cuidados de erudita e pachorrenha devoção, é o célebre dicionário, em que se acham «dobradas» palavras de todos os dicionários juntos e uma gramática, à sua moda.

## ÊLE, ELA e o livro

(Continuação da pág. 15)

o seu espírito pairava... A pouco e pouco, a sua imaginação ia criando o «homem ideal», poeta e galã, robusto de corpo, fino de modos, dominador no olhar, doce no falar, ao mesmo tempo belo como um atleta e suave como uma flor... Devia ser assim, o homem capaz de lhe encher o coração; seria assim, com certeza, o poeta que escrevera a *Via Láctea*... E já o espírito principiava a tomar forma, começava a imagem sonhada a precisar-se, a definir-se, avançando para ela de braços estendidos, nos olhos, brilhando, a luz das estrelas, nos lábios, ardendo, o rubor dos cravos — quando bateram à porta do quarto e uma voz seca preveniu:

— Menina Odete, a sopa está na mesa...

A edição é de 1783 e tem a aprovação da Real Mesa Censória.

Não sabemos se alguém consultou alguma vez esta obra erudita da estupidez; todavia é certo que ela bem merece ser folheada, para se fazer uma idéia do estófo investigador do consagrado filólogo.

Vejamos, por isso, estas definições, sem desrepeito pela grafia original:

- Abdômen — parte do embigo.
- Ahú — aonde; sinal de perturbação.
- Archeiro — o que separa o inimigo; guarda corpo.
- Bá — interj. de aborrecer.
- Bacharel — falador formado.
- Bailar — fazer saltar o seu corpo a compasso.
- Batalhar — espancá-los em guerra.
- Batávia — Olanda.
- Bé — voz de ovelha.
- Bigode — duas torcidas de barba.
- Bisbis — som do que parece rezar.
- Cabra — animal de pêlo.
- Cachimbar — tirar fôrça do mau suco fumado.
- Canada — doença de cama, e clima.
- Caracol — peixe glutinoso ou anfíbio.
- Carneiro — ovelha macha.
- Dedo — ramo da mão ou pé com unha.
- Desticar — fazer voz de rato.
- Êhéu — voz do que se lastima.
- Eitôr — homem.
- Enteada — filha do marido.
- Esbirro — o que tem birra e prende.
- Espingarda — arma que deita faiscas de pedreira ou pingos abrazadores.
- Farda — casaca nova de vários panos e côres.
- Gaiola — vaso furado para ter pássaros.
- Gazeta — papel que tem riqueza histórica.
- Génova — Republica.
- Hau — voz do que está atônito.
- Macaco — animal de tragetos delirantes.
- Madama — minha delicada senhora.
- Nora — mulher do filho; sonora maquina de tirar água.
- Ohô — voz do que vê repentinamente.
- Padrasto — o casado com a mai dos filhos; colina sôbre a fortaleza.
- Poente — lugar de se pôr
- Rata — insecto roedor.
- Relâmpago — fácil luz em as nûvens.
- Rã — insecto.
- Sal — que pica e faz um dos 7 gostos.

Salóio — o que faz abundar Lisboa ou oriundo de Salé.

Sobrinho — filho do irmão.

Tris-tris — som de vidros quebrados.

O dicionário prossegue assim, fôlha a fôlha, abso-lutamente cheio de largos conhecimentos. Por êle estudaram alguns dêses maniacos da literatura que fazem histórias e romances para afligir os amigos, com permanentes leitura. Hoje mesmo ainda há abencerragens dessa escola. Não é difficil encontrar nos jardins, num recanto solitário, um dêses man- cebos olheirentos, olhando o céu a escreverinha os males das almas torturadas. Há um conto, dum autor eslavo, que é bem a expressão dêstes furiosos da literatura. Não é nova mas vale a pena contar:

Um consagrado escritor teatral é continuamente procurado por uma senhora gorda que, à viva força, lhe quer ler o seu drama e conhecer a sua opinião. O dramaturgo consegue fugir sempre, alegando afazeres. Mas, naquela tarde, ela tanto insiste que êle não tem outro remédio senão ouvir. Senta-se numa cadeira — e a senhora começa. Lê o primeiro acto. O escritor vai fazendo com a cabeça gestos affirmati- vos de aprovação — enquanto la pensando na vida e nas compras que tinha de fazer nessa tarde. Lê o segundo — êle boceja. Volta a atacar o terceiro — e o homem de teatro adormece. Acorda, sobresaltado, parecendo-lhe que dormira uma noite inteira e ainda a senhora, numa voz roufenha, muito mas- tidada repisa a leitura. Êle então pergunta:

— Quantos actos tem?

— Nove, senhor! vou no quinto!

Êle não pôde mais. A voz da senhora, o sono que lhe pesava nos pálpebras, os disparates das cenas, deram-lhe um terror, um ódio medonho. Começou a ver aquêle vulto gôrdo a sumir-se, a sumir-se — depois a crescer, a crescer como uma montanha; os olhos voltaram a fechar-se.

Quando acordou, novamente, a senhora, a decla- mar dizia:

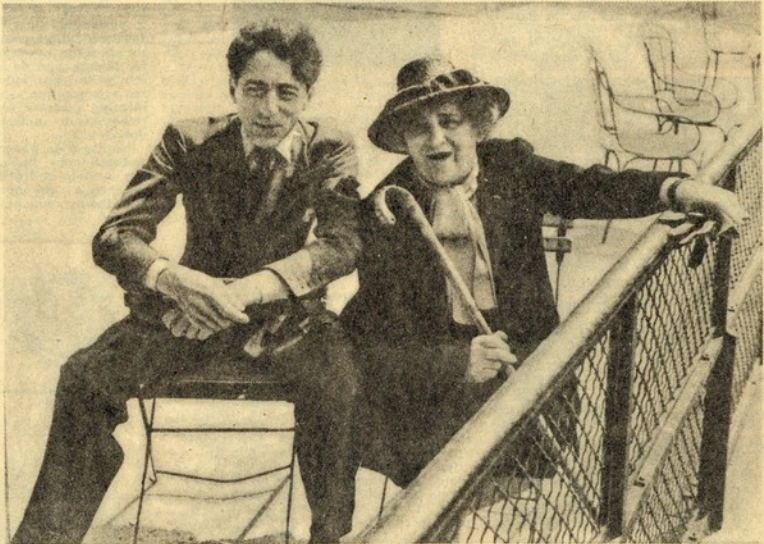
«Jorge! amo-te — foge comigo para os desertos inhospitos onde não há absolutamente ninguém de natureza viva a não ser as palmeiras, a areia, ca- mêlons, pedras»...

Não pôde ouvir mais. Com um pisa-papéis, que tinha à mão, atirou à cabeça da desgraçada. Matou-a. Apresentou-se à prisão.

O júri ouviu-o, no julgamento — e absolveu o escritor por unanimidade.

## COLETTE ESTÁ EM PARIS

E JÁ NÃO USA CABELOS SOLTOS AO VENTO...



Colette está em Paris. A máquina de guerra não expulsou do solo pátrio a doce criaturinha de lindas mãos que tão belas coisas escrevem. Ficou com os que não têm carvão para se aquecer e buscam no sol de estio reservas de calor para se aquecer em mais outro inverno aí à porta. Ela, que já não usa loiros cabelos soltos ao vento nem sandálias com os dedos brancos de fora — fala com Jean Cocteau do seu próximo livro. Ele da sua futura peça. Vivem ambos no Palais Royal — mas foram vistos assim, o mês passado num jardim, a evocar talvez um passado próximo ou a compor um futuro mais distante...



Torna-se cada vez mais dura a luta que se trava dia e noite na frente da Rússia. As batalhas atingem uma violência sem igual na história da guerra de todos os tempos. Esta foto dá-nos uma imagem flagrante da dureza dessa luta sem mercê. Além da violência dos combates, os dois adversários têm que vencer as dificuldades do terreno. Este pobre cavalo duma viatura hipomóvel alemã caiu num atoleiro, de onde está procurando sair ajudado pelo esforço dos soldados do Reich.

EM COIMBRÁ

# Uma grande obra social

REALIZADA PELO PROFESSOR  
BISSAIA BARRETO

O perfil de Bissaia Barreto está traçado e um dos seus melhores biógrafos e ao mesmo tempo intérprete, é esse magnífico espírito de belga, incarnado em Pierre Goemaere — que a guerra trouxe até nós. Mas se não existissem os livros do homem, para significar as atitudes de outro homem — aí estava, vibrante, hino de ternura e complexo de ciência, a sua obra realizada a favor das crianças portuguesas.

O Ninho dos Pequeninos — fofas caminhas, alvas casitas onde se acolhem as avesinhas sem sorte — e o Portugal dos Pequeninos, onde está a concluir-se, a tóda a pressa, uma miniatura da Universidade de Coimbra, como se vê pela foto inédita que reproduzimos — tudo isso é um assombro de engenho, de nobreza de alma, de conhecimento humano e de complexos psicológicos infantis.

Sábio professor, homem de acção e de pensamento, Bissaia Barreto, que tem um nome a projectar-se muito para lá das fronteiras como médico e tratadista de ensaios sociais, tem nos dois «abrigos» dois modelos de ternura, inspirados numa razão bem portuguesa e realizados em moldes muito dêle. Sem dúvida, podíamos fazer uma reportagem literária à roda do assunto — mas esta

é fotográfica e foi realizada pela imagem.

Estas fotos nos falam do ambiente calmo e de ternura d'esses dois recintos de Coimbra, onde não falta uma vez em cada dia o seu director; da alegria de umas centenas de crianças que, enquanto os pais partem para a labuta do dia-a-dia, ficam entregues aos cuidados de corações vigilantes, até que à noite os vão buscar para um regresso triste ao lar; elas nos falam dos seus jogos infantis, à beira dos lagos, formando frisos decorativos, numa graciosa evocação helénica; elas nos falam da convivência com as casinhas provinciais da nossa terra — casinhas que não habitam, que são quasi do seu tamanho e com que podem brincar...

Um dia, houve um homem generoso que lançou ao mundo esta pergunta sem resposta:

— Por que não damos um mundo de proporções harmoniosas aos homens de «Liliput»? Há pelo mundo milhares e milhares de homens e mulheres pequenos, os anões que vivem na dor de se sentirem subjugados pelas dimensões desproporcionadas das casas e das coisas para os homens maiores que eles. Essa desproporção causa distúrbios psicológicos, faz chaga e torna os homens azedos. Por que não havemos de lhes adoçar a existência?

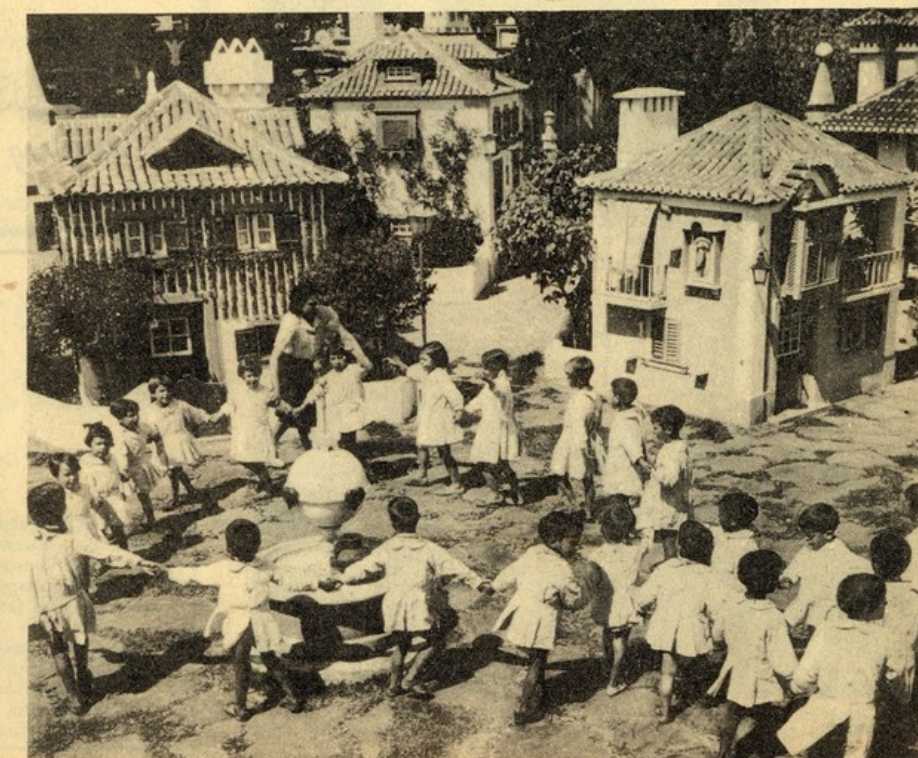
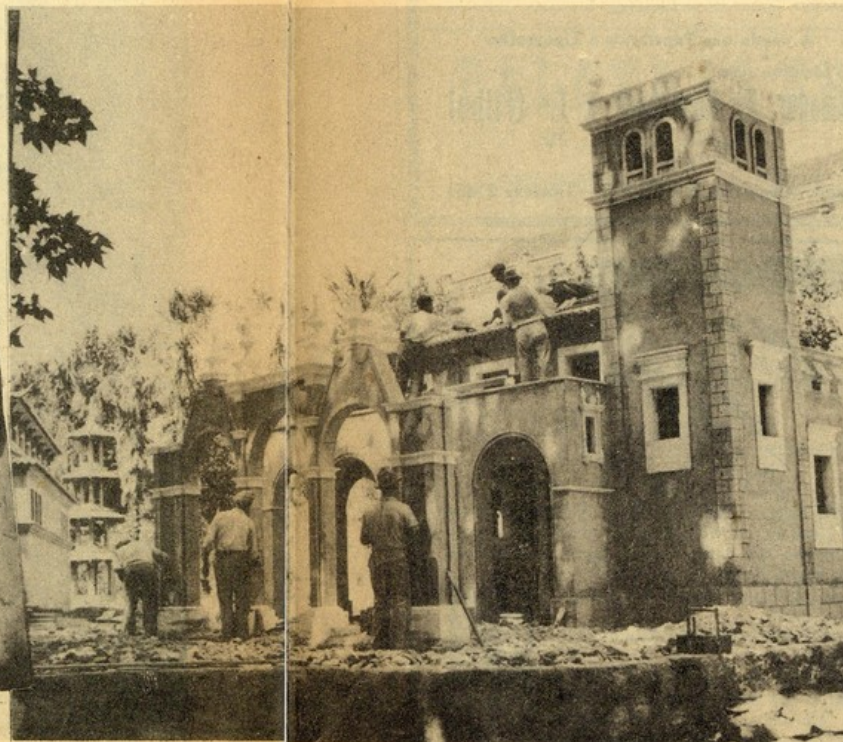
Esse homem falou há muito tempo — mas muito depois de existir o Ninho dos Pequeninos. Teria ele sabido dessa existência e compreendido as razões por que não basta dar pão, sol e brinquedos às crianças — mas também a harmonia do ambiente?



Depois de consumir horas de estudo no Hospital da Universidade de Coimbra, o Prof. Dr. Bissaia Barreto tem tempo para se dedicar à sua obra de amor pelos pequeninos...



(FOTOS A. MIRANDA)



# actualidades GRAFICAS



Completaram-se quatro anos de guerra para a Inglaterra. Quantos sobressaltos, quanta dor, quanto sangue? A confiança dos homens apoiou-se no amor de Deus e na força das armas e a Inglaterra não foi ainda vencida. E o facto foi celebrado com uma cerimónia na igreja de S. Jorge, onde o sr. embaixador compareceu, com a sr.ª embaixatriz e membros da colónia britânica.



A morte é impiedosa e não escolhe nem idades nem profissões: Na Gova do Vapor, um desastre vitimou o 2.º tenente da aviação, Sampaio Júnior. É do seu funeral o aspecto que damos nesta foto.



Também a Polónia celebrou, com uma cerimónia religiosa, na igreja dos Martires, o seu 4.º ano de guerra. O sr. ministro da Polónia assistiu a essa cerimónia, acompanhado de funcionários superiores da legação.



Ao sr. Berkhoj Jol Kockengem, adido da Imprensa da legação dos Países Baixos, no Pórtio, foi oferecido um «cocktail-party», no Clube Inglês. A festa esteve muito concorrida.



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7.45	WRUL	38.4 m.	WRUW	49.6 m.	WKLJ	39.6 m.
8.45	WRUL	38.4 m.	WKLJ	30.7 m.	WKTS	39.6 m.
9.45	WKLJ	30.7 m.	WKTS	39.6 m.		
12.45	WKLJ	19.6 m.	WGEO	19.5 m.		
13.45	WRUW	25.9 m.	WKLJ	19.6 m.		
14.45						
17.45	WRUS	19.8 m.				
18.45						
19.45	WGEO	19.5 m.	WRUS	19.8 m.		
20.45 às 21.15	WRUS	19.8 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.			
21.45						
22.45	WKLJ	30.7 m.				
23.45						

EMISSÕES DIÁRIAS

## OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

# P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

A venda nas Papelerias e Tipografias

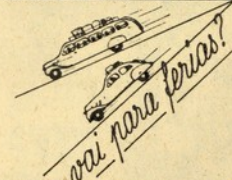
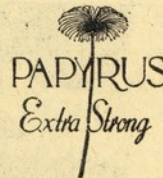
Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



Se as fôr passar numa aldeia distante da cidade ou vila previna-se com 2 ou 3 pacotes do CASULO LIMPA FATOS, espécie de varinha mágica que consegue eliminar dos fatos todo o lustro e as nódoas.

Dá-lhes o aspecto de novos, limpa, desinfecta e tira o mau cheiro aos fatos com muito uso. Renova e conserva os tecidos.

Na sua composição e fabrico entram 6 produtos químicos diferentes e inofensivos.

Cada pacote custa só 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

Nas melhores drogarías das cidades e vilas do País.

Revenda: Rua da Madalena, 128, 2.ª — Lisboa.



# VITOR MANUEL

O MAIS PACIFICO DOS SOBERANOS  
VIU QUATRO GUERRAS DURANTE  
O SEU REINADO

(Conclusão da página 4)

## ENTRE A GUERRA E A PAZ

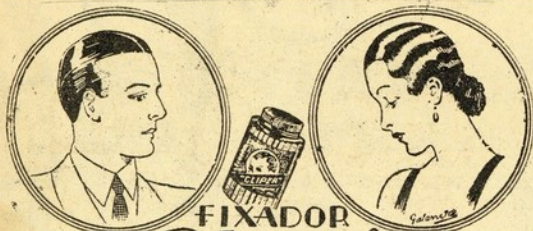
Em quarenta e quatro anos de reinado, Vitor Manuel conheceu quatro guerras mortíferas e custosas: duas campanhas de tipo colonial, que conduziram à conquista da Líbia e da Etiópia, e duas conflagrações mundiais em que a nação italiana jogou os seus destinos. Estas guerras impediram que a nação italiana, que realizara muito tarde a sua unidade, pudesse organizar-se internamente e firmar, em bases definitivas, o seu prestígio externo.

Chefe de família, dum tipo bastante raro nas casas reinantes da Europa do seu tempo, Vitor Manuel casou-se com a formosa filha do soberano do Montenegro, aquêlle Nikita Iendário que acabou por perder a sua coroa na convulsão de 1914-1918. Das suas quatro filhas, apenas uma se encontra solteira. O filho único e herdeiro da coroa, o príncipe de Piemonte, é casado com uma princesa belga.

Vitor Manuel, que oficialmente habita o Palácio do Quirinal, vive a maior parte do tempo na sua casa de campo. Tem uma paixão absorvente: a numismática. Passa horas com as suas colecções de moedas, que são consideradas as mais valiosas do mundo. Ao contrário doutros soberanos do seu tempo, nunca revelou um gosto pronunciado pela política. Essa circunstância explica porventura a duração do seu reinado.

Ao contrário do que aconteceu na outra guerra, Vitor Manuel não visitou, no decurso desta, os campos de batalha. Estes encontravam-se longe da metrópole italiana, em África ou na Rússia. Em compensação, depois que se intensificaram os bombardeamentos aéreos sobre as cidades italianas, dirigiu-se com frequência às mais atingidas, encorajando as populações e procurando fazer-lhes chegar os socorros de que elas necessitavam.

No momento em que a sorte da Itália aparece estreitamente ligada à sorte da batalha que se desenrola no seu território, a personalidade do soberano italiano, que viu sob a sua direcção a pátria atravessar tantas vicissitudes, oferece uma actualidade flagrante.



FIXADOR  
**Clipper**

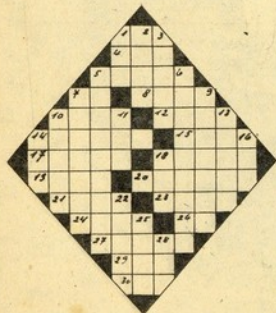
Conserva os cabelos bem penteados e brilhantes,  
todo o dia, e não tem gordura

BOIAO — 12\$00

— A VENDA NAS BOAS CASAS —

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 80



beia-se. 17—Viela. 18—Resgatar.  
19—Enquia. 20—Voeja. 21—Feti-  
ceira. 23—Len. 24—Excelente. 26—  
Entrega. 27—Serra de Portugal. 29—  
Monarca. 30—Ocasido.

VERTICAIS: 1—Doença. 2—Içar.  
3—Versejar. 5—Relacionam. 6—  
Que tem cor amarela. 7—Mortificar.  
9—À espera. 10—Pântano (pl.).  
11—Liga. 13—Silvo. 14—Sólido dos  
soldados. 16—Altar. 18—Lista. 22—  
Ave trepadora, espécie de papagaio.  
25—Lavres. 28—Escudeiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 79

HORIZONTAIS: 1—Espanholas. 2—  
Ciaí; Uaç além. 3—Avô; Anis; Era.  
4—Mã; Arctar; Ar. 5—Recatrem.  
6—La; Rã; As; Ml. 7—Ila; Riam;  
Pór. 8—Arro; Al; Revi. 9—Sôa;  
Iman; Leo. 10—Arca; Usar.  
VERTICAIS: 1—Camélias. 2—  
Eiv; Atrôa. 3—Sôo; Arar. 4—Pi;  
Aer. 5—Arcar; Ia. 6—Nunca; Iam.  
Eiv; Atrôa. 3—Sôo; Arar. 4—Pi;  
Aer. 5—Arcar; Ia. 6—Nunca; Iam.  
Mover. 12—Martirio.

HORIZONTAIS: 1—Oceano. 4—  
Além. 5—Brada. 7—Perversa. 8—  
Folhagem. 10—Pé grande. 12—Pou-  
co espessa. 14—Sossegado. 15—Bar-



TRATA  
gengivas descarnadas  
ou sangrentas  
EVITA  
estomatites mercuriais  
ou bismuticas  
MATA  
os microbios da boca,  
que dão causa a tantas  
doenças graves  
Couto, L.<sup>da</sup> Pôrto

## TRES EDIÇÕES DE "VIDA MUNDIAL" TRES ÊXITOS!

OS 295 DIAS QUE ABA-  
LARAM A FRANÇA  
Por ACÓRCIO PEREIRA

Preço: Esc. 12\$50

A PRIMEIRA ALIANÇA  
PORTUGUESA

Por RAFAEL MARÇAL

Preço: Esc. 5\$00

A ESFERA MISTERIOSA

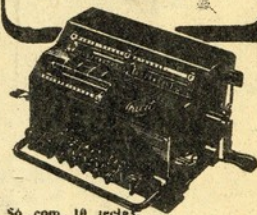
Romance policial de

MAX FELTON

Preço: Esc. 8\$00

A VENDA EM TODAS AS  
LIVRARIAS E TABACARIAS

Cálculos rápidos  
só com  
**FACIT**



Só com 10 teclas.  
Contrôle de inscri-  
ção.  
Transporte total  
das dezenas nos 2  
registos.  
Cômputo para por  
a zero.  
Mecanismo com-  
pletamente fecha-  
do.

Facit

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.<sup>da</sup>  
Rua de Prata, 146 | R. 50 de Bandeira, 63B  
LISBOA | PÔRTO

Ex.<sup>mas</sup> Senhoras

Ao voltarem de suas férias  
visitem os lindos modelos de  
VESTIDOS, CASACOS, CONFECÇÕES DE  
PELES e "LINGERIES"

Expostos nos salões de  
LUCINDA & INEZ, L.<sup>DA</sup>

R. D. Estefânia, 117, 1.º



Eis o tenente-coronel W. R. Lovelace, do corpo médico das forças aéreas norte-americanas. Homem de ciência e de ação, ele próprio se apronta para subir num aparelho. Sem as experiências dos técnicos, não seria possível a guerra atingir certos requintes de devastação. Muito menos seriam possíveis aos aviadores de todo o mundo, atingir grandes velocidades e grandes altitudes. O tenente-coronel Lovelace detém um «records» surpreendente: Com a estranha indumentária que lhe vemos — vai vestir uma gabardine forrada de penas de frango e calça dois pares de luvas — e assim munido de dois paraquedas, vai projectar-se, mais uma vez, de uma altura de 40.200 pés. Lá em cima, naturalmente o frio é muito. Mas, com o moderno equipamento norte-americano, nenhum há que crie embaraços de maior.